

**Instituto Benjamin Constant
em prosa, verso e sonhos**

VENDA PROIBIDA

GOVERNO FEDERAL
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Dilma Vana Rousseff
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
José Henrique Paim Fernandes
INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT
Maria Odete Santos Duarte
DEPARTAMENTO TÉCNICO-ESPECIALIZADO
Ana Lúcia Oliveira da Silva
DIVISÃO DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
Claudia Lucia Lessa Paschoal

Instituto Benjamin Constant em prosa, verso e sonhos

Organização

Claudia Lucia Lessa Paschoal

Marcia de Oliveira Gomes

Paolla Cabral Silva Brasil



Instituto Benjamin Constant

Rio de Janeiro

2014

Copyright © Instituto Benjamin Constant – IBC

Instituto Benjamin Constant em prosa, verso e sonhos
2014

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação
são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Projeto gráfico, editoração e design da capa:
Domingos Octávio Dias Ferran Souza

Ilustração da Capa:
David Courty de Souza / Instituto Benjamin Constant - 9º ano

Revisão:
Marcia de Oliveira Gomes
Paolla Cabral Silva Brasil

Gráfica:
SEGGRAF

I59 Instituto Benjamin Constant em prosa, verso e sonhos. / Organização Claudia Lucia Lessa Paschoal, Marcia de Oliveira Gomes, Paolla Cabral Silva Brasil. / Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2014.
p. 168, 21cm.
Acompanhado de CD
Inclui Bibliografia
ISBN 978-85-67485-06-5

1. Literatura Brasileira. 2. Deficiência Visual. I. Paschoal, Claudia Lucia Lessa de. II. Gomes, Marcia de Oliveira. III. Brasil, Paolla Cabral Silva.

CDD B869.0871

Todos os direitos reservados para
Instituto Benjamin Constant
Av. Pasteur, 350 / 368
Urca – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
CEP 22290-240
Tel.: 55 21 3478-4458
Fax: 55 21 3478 4459
E-mail: ddisec1@ibc.gov.br

PREFÁCIO

Costumo dizer que livros são janelinhas do mundo que nos permitem viver outras vidas, visitar as mais longínquas terras, passear por lugares fantásticos, dar a volta ao mundo em 80 dias, viajar vinte mil léguas submarinas, se encantar com o pó de pirlimpimpim, aceitar o convite do Pequeno Príncipe para prestar atenção no planeta que habitamos, fazer uma consulta com o Doutor Caramujo, casar com o Príncipe Escamado e ir morar no Reino das Águas Claras, ouvir as confissões de um viralata, ter Marcelo, marmelo, martelo como amigo, acompanhar Sherazade por mil e uma noites, fazer tapeçaria com a Moça Tecelã.

Ainda digo mais, quando me perguntam qual é o primeiro passo para se tornar escritor: é preciso olhar por muitas e muitas janelinhas

do mundo e colecionar as experiências vividas por meio delas num baú, até o dia em que, de tantos livros lidos, ele transborde em uma história própria, que marcará a transformação de um leitor em um autor. Pois minha história com o Instituto Benjamin Constant começou em 2009, justamente onde o IBC abriga suas janelinhas do mundo, ali na Urca, na avenida Pasteur, na Biblioteca Louis Braille.

Naquela época, eu estava decidida a ajudar as pessoas a enxergarem através das janelinhas do mundo. Tenho convicção de que a experiência da leitura é fundamental para todo mundo. Procurei, então, o IBC para fazer um trabalho voluntário de leitura com os frequentadores da biblioteca. Não passou muito tempo, conheci a professora Maristela Dalmolin e surgiu a ideia de realizarmos rodas de leitura da série juvenil *Carol e o Homem do Terno Branco*, que escrevi em parceria com Carlos Heitor Cony, com algumas turmas de alunos adolescentes da escola.

Às quartas-feiras, estendíamos um enorme tapete no pátio em frente à biblioteca e passávamos toda a manhã mergulhados nas

aventuras de *Carol e o Homem do Terno Branco*, com direito a risos, choros, questionamentos, reflexões, discordâncias, cumplicidades e, às vezes, até a pipoca e refrigerante.

Disso, resultou, sinceramente e sem nenhuma pieguice, num dos dias mais emocionantes da minha vida. No fim do ano, Maristela incumbiu cada turma que tinha lido um dos cinco livros da série de apresentá-lo aos colegas das outras turmas. Foi assim que vi as histórias de *Carol e o Homem do Terno Branco* serem transformadas em peça de teatro, programa de televisão, poesias e tudo mais que os alunos puderam inventar. A *Carol e o Homem do Terno Branco* eram personagens que não pertenciam mais a mim e ao Cony. Tinham escapado de nossas páginas. Eram agora uma janelinha do mundo, construída por outras mãos. E os livros da série foram também adaptados para baixa visão e para o Sistema Braille.

O tempo passa. E foi com surpresa e satisfação que, em março de 2014, recebi um telefonema da professora Marcia Gomes, me convidando para escrever o prefácio deste livro

Instituto Benjamin Constant em prosa, verso e sonhos, com os textos premiados no concurso literário, em comemoração aos 160 anos do IBC. Os alunos tinham criado suas próprias janelinhas no mundo dos livros! Mais uma vez me emocionei ao mergulhar nas prosas, nos versos e nos sonhos deste mar de histórias apresentadas aqui.

Parabéns IBC por seus 160 anos e obrigada por me permitir fazer parte desta linda história.

Anna Lee

SUMÁRIO

Apresentação	1
Poesias – Ensino Fundamental I	5
Com muito amor ao IBC.....	7
Eu estou no IBC.....	8
A escola.....	9
Poesias – Ensino Fundamental II (6º e 7º anos) ...	11
IBC é minha vida.....	13
IBC.....	14
Colégio IBC.....	15
Poesias – Ensino Fundamental II (8º e 9º anos) ...	17
Um eterno momento fugaz.....	19
Prazer em conhecê-lo.....	24
O que parece ser não é.....	26

Ver ou não ver? Eis a questão.....	28
Escola, pra sempre escola.....	30
Amor ou engano.....	31
O IBC na minha vida.....	32
Contos – Ensino Fundamental II (6º e 7º anos)...	35
Enfeitiçada.....	37
Uma menina sonhadora.....	41
Dia a dia IBC.....	44
O fantasma do IBC.....	46
História.....	48
Uma história de superação.....	50
A menina que achava diferente.....	53
O IBC.....	54
A ilusão.....	58
A superação.....	59
Uma escola engraçada.....	62
A vitória.....	65
Contos – Ensino Fundamental II (8º e 9º anos)...	67
O mistério na escola de cegos.....	69
Mistério do IBC.....	75
Os medrosos.....	80
Nunca desista dos seus sonhos.....	89
João, o bombeiro mirim.....	95

O craque o IBC faz em casa.....	97
A história do Instituto Benjamin Constant....	99
Um cego perante o campo de batalha social...	100
Descobrimo os caminhos do IBC.....	102
Aprendendo a viver.....	104
IBC e o medo.....	106
Benjamin Constant e o sumiço do piano.....	108
Poesias – Reabilitação.....	111
160 anos do IBC.....	113
Cego é aquele que não quer ver.....	115
Contos – Reabilitação.....	117
Ficando cego.....	119
A tia mais nova.....	125
Minibiografias.....	129
Organizadoras.....	151

APRESENTAÇÃO

É com uma imensa satisfação que apresentamos o livro Instituto Benjamin Constant em prosa, verso e sonhos, que reúne textos selecionados a partir do I Concurso Literário do Instituto Benjamin Constant (IBC).

O concurso foi uma promoção exclusivamente cultural, promovida pela Divisão de Ensino (DEN), em parceria com o Departamento de Estudos e Pesquisas e de Reabilitação (DMR) e com a Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação (DDI), e visava à descoberta e o reconhecimento de novos talentos literários entre os alunos da referida instituição.

Nesta primeira edição, os participantes foram convidados a escrever poemas e contos, que tivessem o IBC e/ou suas especificidades como tema ou cenário de suas produções.

O concurso contou com dezenas de inscritos, entre os alunos da primeira e segunda fases do Ensino Fundamental e da Reabilitação. O resultado foi surpreendente. Os participantes, ao ficcionalizarem uma realidade tão conhecida por quem trabalha e estuda no IBC, mostraram-se donos de um fazer literário que, às vezes, envereda por mundos alternativos, repletos de mistério e criatividade, e outras imerge na experiência subjetiva, revelando seus sonhos e suas histórias de superação, diante do desafio da cegueira e da baixa visão, que vêm enfrentando ao longo da vida.

A socialização dos textos produzidos pelos alunos, por meio desta publicação, é uma tentativa de aproximação entre aqueles que apreciam literatura e os “escritores aprendizes” do IBC. Também é nosso intento fazer com que os leitores conheçam um pouco mais desta instituição, que este ano completa 160 anos.

Agradecemos a todos que acreditaram neste projeto, ajudando-nos nas diversas etapas do concurso: divulgação, inscrição, seleção dos textos e editoração. Em especial, à professora Leonídia dos Santos Borges, por ter acei-

tado compor a comissão julgadora, contribuindo com seu entusiasmo e profissionalismo, e à escritora Anna Lee, pelas palavras inspiradas e inspiradoras, que enriquecem ainda mais esta publicação.

Por fim, agradecemos àqueles que participaram enviando seus textos e proporcionaram o sucesso deste projeto. Sem o empenho de vocês, nada seria possível.

Escrito por muitas mãos, Instituto Benjamin Constant em prosa, verso e sonhos é, enfim, um livro que entretém, emociona e proporciona ao leitor a reflexão sobre a necessidade de acreditarmos no nosso potencial e no potencial do próximo.

As organizadoras

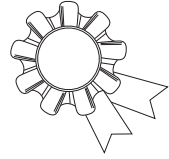
POESIAS – ENSINO FUNDAMENTAL I



Paula Lopes de Oliveira - 6º ano

1º lugar

Com muito amor ao IBC



Ana Vitoria Alves Soares

Minha escola é bonita
Minha escola é legal
Todo dia a gente brinca
Tudo é normal.

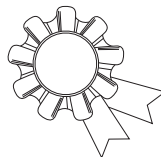
Minha escola foi feita
Com muito carinho e amor
E espero que você goste,
Por favor.

Minha escola é comprida
De tanto lugar
Me deixa perdida,
Não sei para onde andar.

Minha escola está fazendo
160 anos,
Eu estou tão feliz
Que não estou me aguentando.

2º lugar

Eu estou no IBC



Millena Ribeiro de Freitas

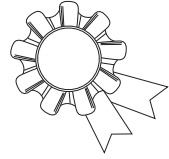
Eu estou no IBC,
É bom tanto pra mim
Quanto para você.

Aqui eu faço judô,
Mas quando eu caio
Eu sinto dor.

Aqui eu estudo e brinco,
Corremos no corredor
Eu e os amigos.

3º lugar

A escola



Guilherme Santa Rosa de Almeida

O IBC é tudo de bom,
Aqui somos irmãos,
Somos como uma grande família.

Aqui no IBC é só diversão,
Mas não pisa no calo deles não
Que o caldo não fica bom,
Mas amiguinhos eles são.

Legais: cada um melhor que o outro.
Todos são demais,
Mas juntos somos mais.

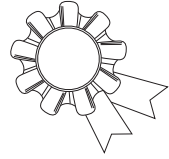
POESIAS – ENSINO FUNDAMENTAL II
(6º E 7º ANOS)



Wallace Guilherme da Silva Lirio - 6º ano

1º lugar

IBC é minha vida



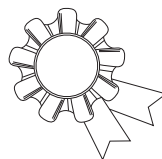
Sérgio Fernandes Júnior

IBC é minha vida,
Um colégio exemplar.
Todas as garotas são lindas,
E do IBC tenho muita história pra contar.

IBC é interessante,
Um colégio importante,
Lá eu sou comediante.
E quando conto piada,
Meus professores riem bastante.

2º lugar

IBC



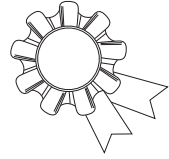
Vitória Valentina Tavares do Nascimento

IBC sempre pra você.
O IBC é pra você que gosta de aprender,
Nesta escola não dá pra colar,
Porque ninguém tem olhar.

Nesta escola eu imagino
Um futuro bem lindo,
Eu sempre acordo sorrindo.
Nesta escola eu estou desde nascida
E passo quase toda minha vida.

3º lugar

Colégio IBC



Lorena Lourenço dos Santos

Eu estudo no colégio IBC,
Lá é muito bom para você.
Sabe, lá é grandão,
Igualzinho a um coração.

Os funcionários de lá são como irmãos,
Eles dão várias lições,
E os professores, então,
São uns amigões.

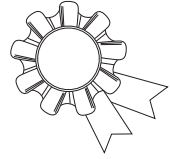
**POESIAS – ENSINO FUNDAMENTAL II
(8º E 9º ANOS)**



Wallace Guilherme da Silva Lirio - 6º ano

1º lugar

Um eterno momento fugaz



Acauã Aetê da Silva Pozino

Estamos os dois:
frente a frente.
Nossos corpos unidos
 por algo
a mais do que um
abraço.
Nossos corações unidos
 por algo
mais forte
que
a amizade.

“Será isso o amor?”,
penso eu.
Dentro de mim a incoerente
percussão
do meu coração
acelerado
marca o ritmo desse

arriscado

 encontro.

Pois aqui,

no Instituto Benjamin

 Constant,

a vida não é fácil para

os que amam.

Para nós no Instituto

Benjamin há perigo

Constante.

Aqui dentro das

paredes desse majestoso

gigante

que encerra anos de

história em seus

corredores e salas,

amar é extremamente

temerário.

Pois sempre podem

aparecer essas sombras

imponentes,

esses frios espectros da

disciplina,

esses ecos impossíveis de

palavras duras como

“obediência”

“comportamento”

“silêncio”.

E é o “silêncio” a mais dura

e

opressora

de

todas.

Silenciar o canto de

um poeta

é silenciar quem nasceu

para odiar o silêncio

parado.

E enquanto cantos rompem

silêncios e

silêncios acabam cantos,

meu rosto e o dela

se aproximam.

Pessoas riem,

pessoas gritam,

mas eu não ouço.

Apenas ouço o retumbar

surdo de meu

coração em ebulição.

Então o tempo

para:

Nosso lábios

se tocam.

As línguas procuram-se

mutuamente.

Nesse eterno momento fugaz,

nada mais

 existe –

o mundo se resume

ao beijo,

a esse momento mágico.

Então lentamente

como despertar

de um sonho,

nossos lábios

se separam com

relutância.

Mas nada é

nem nunca foi

 perfeito.

Deslizando por entre

as flores do meu jardim

de doces

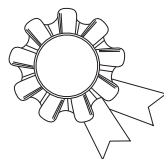
 ilusões,

aproxima-se o frio

espectro da disciplina.
A sombra
do soturno silêncio.
E com seu venenoso
hálito mata meu jardim,
sopra para longe
minhas doces ilusões,
e me atira de costas no
duro chão de gelo
do mundo
“real”.

Mas eu me levanto,
pois nem todas as histórias
acabam no fim.

2º lugar



Prazer em conhecê-lo

Dayane Silva dos Santos

Tu fizeste criar intimidade com o corpo
que só o tempo vai criando.
Já sinto, só por um instante,
onde colocar um ponto em gesto inconsciente,
tantas vezes repetindo
o que já decorou a mente.

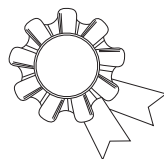
Você não vê,
você não sente
nas mãos a resistência,
que trabalha com excelência.
Bem te admiro!!!
Tu és minha esperança, meu orgulho,
você mesmo IBC
que nos faz conquistar novas histórias.

És grandioso no saber,
magnífico no ensinar,
prazer em conhecer, IBC.

Ês o meu melhor amigo,
que presta maior serviço,
que muita gente fala “amigo do cego”.

Verdadeiro patrimônio
e povoado de múltiplas deficiências,
onde todos vivem juntos,
graças a Deus!!!
Que estamos lutando juntos,
por isso tenho certeza de que iremos vencer
e faremos a diferença
por onde passarmos.

3º lugar



O que parece ser não é

Felipe Pereira Rodrigues

Às vezes nos guiamos por
aparência.
E não conseguimos lidar
com a diferença.
Tudo que não é comum pode
impressionar.
Para ter respeito temos
que respeitar.
Chegou a hora de nos unirmos,
darmos as mãos em um só objetivo.

O que precisamos saber é
que ninguém é igual a ninguém.
Não olhar a quem
e sim fazer o bem.

O mundo seria melhor
se o respeito imperasse
e se a troca de ideias

não terminasse.

Eu quero um mundo que não
seja tão normal,
pois ser diferente pode ser
legal.

Ver ou não ver? Eis a questão

Carlos Henrique da Silva Oliveira

Dizem que os olhos
são as janelas da alma.
Então o cego é desalmado,
pois nunca teve o prazer
de enxergar a luz do dia?

Essa é uma ideia mais
obscura do mundo dos
“portadores de necessidades especiais”.

Mas, o que eu sei?
Sou apenas um cara
preconceituoso com ideias
antiquadas e imbecis.

Sei que meus pensamentos
nem valem a pena escutar,
mas eu juro que
tentei mudar.

Por causa de pessoas como eu

o mundo é violento
e impuro.

Só há uma esperança
pra vocês. Estudar
estudar pra que seu futuro
seja melhor.

Estudar para que
a próxima geração seja
mais privilegiada e não
tenha que conviver
com gente como nós.

E me despeço com uma pergunta:
Você é como eu?
Se for, mude antes
que seja tarde.

Escola, pra sempre escola

Cleyton de Lima Cardoso

A escola

Escola de sonhos, escola de aprendizados

Escola para novas escolas,

Escola para formar cidadãos.

Escola para cegos, para sonhos e realidades.

Realidade de cegos, que é dura.

Pra que serve a escola?

Escola para criar e fazer nascer uma nação.

Uma escola de cegos, de sonhos,

e de preconceitos, de muitos,

mas cegos também são seres humanos.

Professores que ensinam, que aprendem,

que respiram escola.

Afinal, a escola é o início do futuro.

Escola, pra sempre escola.

Amor ou engano

Gabriel Nascimento Silva

O que é o amor?
É um sentimento que dá,
não sei, sei lá.
Não existe expert no amor,
nem na paixão,
pode até existir expert na ilusão.

Nunca tive amor,
acho que adolescente não ama,
e sim se engana.
No colégio em que estudo, o IBC,
já tive vários enganos.
Mas nem sempre é engano...
Às vezes, alguns adolescentes
dão sorte e amam.
Mas acho difícil,
acho que nessa idade
todos se enganam.

O IBC na minha vida

Jéssica Vieira da Costa

Foi no IBC que
aprendi a viver,
ler e escrever
aprender e conviver.

Aprendi a ter valor
de sabedoria
e dar valor às pessoas
que amo a cada dia.

Conheci amigos
de confiança
com quem posso contar
a vida inteira.

Conheci professores maravilhosos,
que ensinam muito bem
e incentivam a seguir
uma profissão no futuro.

E quando eu sair do IBC,

de tudo e de todos, eu sei
que sentirei falta
de um patrimônio histórico
que nunca esquecerei
em minha vida.

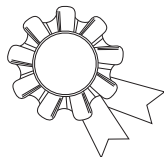
CONTOS – ENSINO FUNDAMENTAL II
(6º E 7º ANOS)



Jéssica Alves da Silva - 6º ano

1º lugar

Enfeitiçada



Viviane Silva de Souza

Era uma vez uma menina que entrou no IBC e que tinha muita vergonha de si mesma. Ninguém olhava ou sequer falava com ela.

Numa noite escura, a escola IBC estava toda vazia. De repente, uma luz surgiu no final do corredor e uma bela moça, que dizia ser uma fada, apareceu. Ela chamava e chamava a menina para ir até ela.

– Venha, venha até mim.

A menina, com muito medo, saiu correndo pelos corredores do IBC e a bela moça saiu voando atrás da menina, dizendo:

– Venha, venha até mim, menininha.

A menina, desesperada, começou a gritar, gritar e gritar, mas ninguém a ouvia. A bela moça falou:

– Grite, grite, menininha. Daqui, ninguém vai te ouvir. Ah! Ah! Ah! Ah!

A menina, com muito medo, disse:

– O que queres de mim?

E a moça respondeu:

– Sua beleza e a sua alma.

A menina começou a chorar, chorar e chorar.

A moça disse:

– Sua beleza é uma das mais raras que eu já pude ver.

A menina falou:

– Mas como? Todos me acham feia, só você me acha bonita. Como isso?

– Eles não veem quem você é de verdade.

– Como assim?

– Vamos fazer um trato. Eu arrumo você e em troca você me dá a sua felicidade.

E assim aconteceu. A menina aceitou:

– Está bem.

A moça deu uma gargalhada sinistra:

– Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

A menina dizia:

– Isso só pode ser um sonho.

Na manhã seguinte, a menina acordou no chão do corredor, levantou-se e foi tomar banho e se arrumar.

De repente, ela desceu toda linda, cabelos cacheados, olhos castanho-claros, boca bem

avermelhada e um sorriso encantador. Todos os meninos foram até ela.

As meninas que eram paqueradas ficaram com muita raiva e a moça, que dizia ser fada, ficou só de olho na felicidade da menina.

De repente, a bela moça fechou os olhos e a menina começou a sentir um vazio tão grande que ela acabou afastando-se dos garotos e indo para o corredor, onde tudo começou.

A menina chamou a bela moça.

– Moça, moça, cadê você?

A moça veio rindo, rindo e rindo.

– Ah! Ah! Ah! Ah! Você me chama, bela jovem?

– Sim, eu chamei você para pedir a minha felicidade de volta.

– Agora é tarde para voltar atrás.

– Você disse que eu iria ficar linda.

– E você ficou linda. Só não tem a felicidade que você me deu. Ah! Ah! Ah! Ah!

– Você pode me devolver a felicidade?

– Não tem devolução.

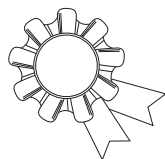
As outras meninas do colégio, que estavam com ciúmes, escutaram tudo e foram contar para o diretor do IBC que a moça que fazia feitiços estava atacando novamente.

O diretor pegou um pote mágico para prender a feiticeira e saiu atrás da moça que dizia ser fada. Ela foi dominada e devolveu a felicidade da menina.

Assim a menina ficou linda e feliz. Ela nunca mais colocou os pés no corredor.

2º lugar

Uma menina sonhadora



Monique Ferreira de Sousa

Era uma vez uma menina, uma menina triste e sozinha, mas mesmo assim feliz.

Ela era triste e sozinha pelo fato de ter um pequeno probleminha visual. Ninguém andava e falava com ela. Na escola, ela era o motivo de riso para todos. Até que um dia a menina chegou para sua tia e disse:

– Tia, não aguento mais essa escola.

Elas eram confidentes uma da outra, como mãe e filha. Sua tia conhecia muita gente e, vendo a sobrinha triste e angustiada, decidiu falar com uma amiga que, felizmente, trabalhava numa instituição chamada INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT.

Ela conseguiu um horário para a sobrinha conversar na escola. No começo, a menina ficou com medo de não ser aceita, porque já era quase Natal e as matrículas já tinham sido encerradas. Mas a menina também tinha

esperanças de que conseguiria seu objetivo.

Quando a menina chegou à instituição, ficou supernervosa à espera do diretor. Enfim, ele a chamou.

– Podem entrar. – disse o diretor.

A menina e sua tia ficaram horas conversando com o diretor. Falaram sobre a vida da menina triste e, depois de muita conversa, o diretor disse:

– Considere-se uma garota de sorte, pois irei te dar uma oportunidade que muitos gostariam de ter aqui. Esta é sua inscrição. Boa sorte e parabéns!

Nesse momento, a menina morria de felicidade por dentro e não parava de agradecer a Deus e ao diretor.

– Antes de você ir, deixe-me te falar, mocinha. Aproveite, você começará na segunda.

A segunda chegou. A menina estava toda feliz. Chegou toda animada ao colégio, mas também com muita vergonha, pois não conhecia ninguém.

Os dias foram passando e, aos poucos, ela foi fazendo amizades. A cada dia que passava a menina se identificava mais com a escola e com os amigos.

Todas as noites, quando ia se deitar, ela agradecia:

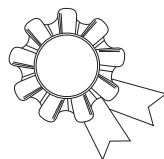
– Deus, obrigada por minha escola nova e pelos amigos que o Senhor me deu. Agora não sou mais uma menina triste e nem sozinha, pois tenho amigos que realmente gostam de mim.

Só para lembrar, a menina está no IBC desde 2009 e continua sua trajetória nessa instituição, onde ela se tornou uma pessoa melhor por dentro e por fora. Nesse colégio, ela aprendeu muitas coisas e a definição do IBC para ela é:

Nunca desista de seus sonhos!

3º lugar

Dia a dia IBC



Paula Lopes de Oliveira

Chinelo, escada, vaso, água, sabão, toalha, uniforme, tênis, cadarço. Café da manhã, pasta, escova de dente, pente, batom, perfume, desodorante, mochila. Rua, ônibus, ônibus, música, sono, rua, estação de metrô, metrô, metrô, rua, ônibus, rua, IBC. Portaria, pátio, refeitório, pátio, corredor, sala, corredor, banheiro, vaso, pia, água, sabonete líquido, papel, corredor, bebedouro, sala, caderno, lápis, borracha, apostila, relógio, sino, corredor, saguão, pátio, refeitório, pátio, corredor, sala, cadeira, caderno, caneta, apostila, sino. Corredor, refeitório, prato, garfo, copo d'água, cadeira, mesa, almoço. Corredor, escada, corredor, dormitório, cama, celular, Facebook, WhatsApp, Instagram, música, sono, uniforme de esporte, escova de dente, pente, pasta de dente, banheiro, pia, espelho, vaso, corredor, dormitório, perfume, corredor, escada, corredor, calçada, pista de corrida, calçada,

academia, calçada, corredor, refeitório, corredor, escada, corredor, dormitório, cama, tênis, meia, roupa, toalha, sabonete, corredor, banheiro, toalha, sabonete, água, sabonete, água, toalha, roupa, chinelo, perfume, pente, corredor, escada, corredor, dormitório, cama, celular, chinelo, cadeira, televisão, controle remoto, cama, sono, sonhos, bons sonhos.

O fantasma do IBC

Alice Rosa de Oliveira

Certa noite, nos corredores da escola IBC, estava muito escuro e três crianças novas, que não conheciam a instituição muito bem, andavam distraídas de tudo, porém com muito medo.

Eram duas meninas e um menino pequenos, de 7 e 8 anos. Eles estavam andando e escutaram um barulho:

– Huhuhu, huhuhu.

Eles se juntaram e disseram:

– Ai meu Deus, o que é isso?

Os barulhos vinham de longe e estavam ficando mais perto e mais perto. Quanto mais perto ficavam, mais altos eram os barulhos.

Todo mundo ouvia dizer que há 160 anos, uma mulher foi presa dentro da escola com muitas correntes e que ela assombrava todos os dias por volta das dez horas da noite.

As crianças correram muito, mas para a surpresa delas, no final do corredor, tinha uma sombra e muitos barulhos de ferro, batendo no

chão. A sombra chegava cada vez mais perto das crianças. Não havia nenhum lugar para elas correrem.

Quando a sombra chegou mais perto, as crianças viram uma mulher linda, de pele escura, com cabelos cacheados e longos, olhos azuis penetrantes e boca cor de violeta.

A sombra pegou as crianças e assoviou tão alto que todas as luzes apagaram-se e os vidros das janelas se quebraram. Mas a mulher era solitária e queria fazer amigos.

Passados alguns dias, o padre Francisco rezou no local onde a mulher passava e, a partir daí, ela descansou em paz.

História

Ayra Aparecida Alves dos Santos

Era uma vez uma linda menina que entrou no IBC com muita vergonha. Não falava com ninguém. Só queria ficar sozinha na sua, achava que as pessoas iriam destrata-la, porque quando uma pessoa nova entra numa escola, essa pessoa é destrutada, humilhada etc.

Certo dia, a menina foi se aproximando das outras pessoas, foi tentando fazer amizade e a vergonha que ela tinha acabou.

Ela gostou da escola e ficava o tempo todo tentando saber o que as pessoas da escola achavam dela. Ela pensava:

– O que será que essas pessoas acham de mim? Será que pensam que eu sou uma menina estranha, marrenta, metida, feia, esquisita etc?

Mas, com o tempo, as pessoas viram na menina sinceridade, viram que ela era verdadeira, simpática, educada. E toda a cisma que as pessoas tinham contra a menina acabou.

Mesmo assim, a menina achava que nin-

guém gostava dela. Ela se achava feia, isolada, teimava que não iria ser feliz.

Mas foi nessa escola que ela encontrou sua felicidade. A menina conheceu no IBC o seu amor.

As pessoas teimavam que ela iria crescer e nunca seria feliz, mas isso não ocorreu e a menina foi muito feliz no seu amor.

Uma história de superação

Daylane Monteiro Maia

Era uma vez um casal muito bonito, que se amava e sonhava em ter um filho. Eles se chamavam Daniel e Eliane. Ela já havia tido um filho do primeiro casamento que se chamava Pablo.

Um dia, eles finalmente conseguiram, tiveram uma menina que nasceu grande, bonita e gordinha. A menina foi crescendo saudável, forte e muito sorridente. Queria tocar e brincar com tudo. Quem diria que a pequena iria passar por momentos tão tão difíceis.

Mamãe Eliane começou a reparar que sua filha apresentava dificuldades para enxergar e, quando tirava fotos, percebia que os olhos da menina refletiam como um olho de gato no farol. Ela achou muito estranho.

Resolveu levar a menina ao médico. Lá, descobriu que sua filha tinha um câncer raro chamado retinoblastoma, um câncer bilateral que ataca a retina. Então, começou a grande luta.

Foram para São Paulo tentar tratar o olho direito, porque, no esquerdo, o câncer já estava no último estágio e não tinha mais jeito a não ser tirá-lo para não se alastrar.

A menina foi submetida a vários tratamentos como: quimioterapia, radioterapia etc.

Nos Estados Unidos, havia um estudo e talvez fosse possível tratar a menina. Ela e a mãe foram para o Texas, porém a menina estava com catarata e descolamento de retina. Então, não teve jeito, voltaram para São Paulo para operar o segundo olho.

Depois de tudo isso, a mãe e a menina voltaram para o Rio de Janeiro.

Quando a menina fez sete anos, sua mãe a matriculou numa escola pública, onde ela encontrou várias dificuldades, porque os professores não sabiam como ensiná-la. Faltavam recursos e todos a achavam diferente. Isso desmotivava a menina a continuar, pois o pouco que aprendia parecia não valer nada.

Quando fez quatorze anos, resolveu ir estudar no IBC, porque tinha a certeza de que as coisas iriam mudar, e realmente mudaram.

Ela aprendeu a ver a vida de uma maneira diferente. Aprendeu que na vida todos somos iguais. Aprendeu que para ser diferente e importante temos que fazer a diferença.

A menina que achava diferente

Giovana Moura de Souza

Era uma vez uma menina que entrou no IBC em março.

Essa menina adorou ir estudar no IBC. Ela estudava no município e quando ela entrou no IBC achou tudo diferente. Achou as pessoas diferentes, mas depois acabou se acostumando. Ela achou diferente ter só 13 alunos na sala dela, porque no município onde ela estudava tinha 25 alunos.

Ela achou o IBC legal, porque tem piscina, aula de música, Educação Física. No município, não tinha essas atividades.

Ela gostou dos professores e dos alunos da sala. Gostou dos inspetores e das inspetoras, dos coordenadores e adorou a professora de Português, que se chamava Paolla.

A professora adorava Português e gostava muito da menina, que também gostava dela.

No município, a menina adorava a sua professora de Português e o seu professor de Geografia.

A menina gostou do IBC e diz que nunca mais quer sair de lá.

O IBC

Jéssica Alves

Era uma vez uma menina muito alegre e feliz, que se chamava Sofia. Ela tinha 15 anos e não queria namorar. Sua mãe era muito preocupada com ela, pois Sofia era interna no IBC.

Em 2014, entraram no IBC cinco meninas que se achavam muito e zoavam Sofia.

A partir desse ano, a garota ficou traumatizada. Sua mãe chamou as meninas para conversar com Maria, chefe da disciplina. Fernanda, Gabriela, Letícia, Lucy e Jéssika foram suspensas.

Sofia entrou no banheiro e começou a chorar e a se culpar pela suspensão das meninas. Gabriela lembrou a Sofia que se acesse algo com elas, quando voltassem iriam pegar Sofia de porrada.

Sofia pediu a mãe para ir morar com sua tia Valéria, que vivia em Nova York. A mãe pensou que sua filha estava com saudades da tia, por isso comprou a passagem para Sofia viajar.

As meninas souberam disso e, como elas eram ricas, compraram as passagens e também foram para Nova York. Lá, ficaram em um hotel cinco estrelas e começaram a bolar um plano para encontrar Sofia. A mais loura teve a ideia de ligar para todos os números da cidade. As amigas recusaram a ideia e começaram a pensar em outro plano. A noite caiu e as meninas foram dormir pensando na conversa.

No outro dia, começou tudo de novo. As meninas começaram a discutir o assunto. Fernanda e Jéssika iam começar a falar quando a campainha do quarto tocou. Gabriela abriu a porta e gritou para suas amigas verem quem estava ali.

Uma das garotas gritou:

– É você mesma que a gente esperava.

Entra Sofia.

Sofia respondeu:

– Não... Não... Me enganei de quarto. Eu quero falar com a minha tia, que dormia nesse número.

– Qual é o nome dela? – disse o bonde.

– Tchau para vocês. Parei de dar bola para meninas recalçadas. – respondeu Sofia.

As meninas, injuriadas com a ofensa, gritaram:

– Nós ainda te pegamos garota.

Sofia estava com saudades da mãe e resolveu voltar para o Rio. No dia seguinte, ligou para a mãe falando sobre sua volta. Seus olhos encheram-se de lágrimas quando sua mãe contou uma notícia muito ruim. A ligação caiu. Sofia caiu na cama como uma pedra e falou sozinha:

– Deus, por que a minha...?

A campainha tocou. Era sua tia. Ao ver os olhos de Sofia cheios de lágrimas, a tia perguntou o que aconteceu e a menina respondeu:

– A minha querida...

Sofia desmaiou nos braços da tia. A mulher saiu gritando pelo corredor do hotel. O guarda colocou a menina na maca e a levou até a ambulância.

Quando Sofia chegou ao hospital, a tia deu um sorriso de alegria e falou:

– Eu te amo!

A menina fechou os olhos e falou:

– Mãe, cadê você? Estou com saudades.

A mãe de Sofia chegou muito preocupada e perguntou:

– Filha, você está bem?

E a menina respondeu:

– Mãe, agora estou. A senhora chegou.

– Que susto que eu levei com você quando eu falei que sua gata morreu. – disse a mãe de Sofia.

A tia ficou com cara de tacho e gritou:

– Você está aqui no médico porque a sua gata morreu? Você está de brincadeira com a minha cara? Só pode! Eu quase enfartei quando ouvi a minha irmã falando com você. Eu pensei que era sua avó.

Sofia falou:

– Vira essa boca pra lá, tia Valéria.

– Vamos para casa que eu vou conversar com vocês esse assunto da gata. – disse a mãe de Sofia.

– Vamos logo! – respondeu a tia.

A ilusão

Mariana de Oliveira

Era uma vez uma menina chamada Marina. Ela estudava em uma escola que não era adaptada à deficiência visual dela.

Um dia, ela resolveu entrar em uma escola que se chama IBC. Ela se sentia muito só, mas o IBC fez o seu mundo mudar. Estava sendo tudo maravilhoso na nova escola.

Até que um dia ela se apaixonou por um amor impossível. Quando o rapaz ficou sabendo que ela gostava dele, ele aproveitou-se da situação e pediu para beijá-la. A menina aceitou. Na verdade, o garoto só estava iludindo Marina, e ela, apaixonada, caiu na conversa dele.

Com o passar do tempo, o rapaz pediu que ele fosse o primeiro. Ela acabou deixando e, depois disso, ele não procurou mais por ela.

A menina aprendeu uma lição: nunca caia numa conversa se estiver apaixonada, porque ele pode querer te iludir.

O IBC ajudou Mariana a aprender muita coisa sobre a vida.

A superação

Marcos Vinícius Trindade

Era uma vez um músico de 25 anos, que nasceu no dia 14 de fevereiro de 1989, em Belo Horizonte. Ele era de família classe média baixa. Sua mãe faleceu no ano de 1991, quando ele tinha apenas dois anos. Ele foi morar com os tios no Rio de Janeiro.

No ano de 1994, quando ele tinha 5 anos, perdeu a visão em uma brincadeira. Em 1996, com 7 anos, ele começou a estudar no Instituto Benjamin Constant.

Com 14 anos, ele se viciou em drogas, largou os estudos e foi morar nas ruas do Rio. Por causa do vício, ele passou a roubar. O menino foi pego várias vezes pela polícia, mas sempre conseguia fugir.

Até que um dia ele foi chamado para assaltar um cofre de banco. O esquema envolvia dez pessoas: três meninas, dois seguranças e cinco rapazes, contando com ele.

De manhã, ele e mais quatro tomavam um café, enquanto as três meninas foram ao

banco para ver o movimento e avisar a eles. Os rapazes ficaram sabendo pelas seguranças comparsas o horário que o cofre do banco abria.

Quando eles acabaram de tomar café, entraram em um furgão preto, onde estava todo o armamento pesado, que seria utilizado no assalto.

De capuz no rosto, eles pediram para os seguranças comparsas abrirem o portão do estacionamento do banco. Quando chegaram à entrada, fizeram todos de reféns.

Um tiozinho conseguiu ligar para a polícia. Ao perceberem que a polícia estava chegando, os assaltantes tentaram fugir, mas foram pegos no estacionamento.

O garoto, como era menor de idade, pegou pouco tempo de cadeia.

Quando ele saiu da prisão, decidiu que não continuaria vivendo nas ruas e procurou ajuda, numa clínica, para largar do vício.

Ele voltou a estudar, porém estava bem atrasado nos estudos. Também arrumou um emprego e tirou os documentos, que havia perdido quando morava na rua.

Com 21 anos, ele perdeu a visão totalmente. Mas não desistiu. Continuou estudando, porque o sonho dele era ser músico. Aprendeu a tocar violão e começou a tocar em bares e depois em casas noturnas.

Certo dia, ele se apresentou em uma casa noturna sem saber que tinha um empresário na plateia, que havia escutado falar do trabalho dele, mas que não sabia que ele era deficiente visual e nem conhecia sua história de vida. Ele assinou um contrato com o empresário.

Ele já viajou para vários lugares e, hoje em dia, é professor.

Viu como não importa o que as pessoas passam? O importante é a capacidade das pessoas de virar o jogo.

Uma escola engraçada

Pedro Marco Pereira Costa

Era uma vez uma escola engraçada. Essa escola se chama IBC.

Um dia, os pássaros estavam cantando, tudo estava bem. Quando Joãozinho chegou, ele estava mexendo no celular e caiu de bumbum no chão.

Um amigo apareceu, ajudou Joãozinho a se levantar e disse:

– Vamos? Já está na hora da aula.

Joãozinho respondeu:

– Vamos logo!

Quando chegaram, a professora falou:

– Vocês estão atrasados.

E Joãozinho respondeu:

– Desculpa. Eu estava caído no chão e Chã me ajudou a levantar.

A professora disse:

– Vamos logo. Sentem-se. Vocês chegaram na metade da aula, sabendo que nós temos só cinquenta minutos de aula.

Joãozinho disse:

– Calma, professora. Foi só hoje.

No recreio, Joãozinho, que era muito brincalhão, fez uma brincadeira com um menino mais velho, colocando gelo na cueca dele. O menino deu um pulo e, na mesma hora, virou um soco na cara de Joãozinho, que caiu de bumbum no chão e bateu a cabeça na mesa. Resultado: Joãozinho foi parar no hospital.

No hospital, ele estava cansado de tomar remédio e fugiu. Sua mãe o encontrou na rua e perguntou:

– Joãozinho, o que você está fazendo na rua? Você não deveria estar no hospital?

Joãozinho respondeu:

– Não, já tive alta.

Sua mãe falou:

– Ah, tá. Vai para casa e vê se fica quieto lá. Vê se não quebra nada.

Ele respondeu:

– Vou tentar. Pode deixar comigo. Tem comida?

Sua mãe respondeu:

– Tem.

Ele perguntou:

– O quê?

Ela falou:

– Arroz, feijão, bife com batata frita. Se não quiser, tem ovo.

– Obrigado, vou comer bife. – disse Joãozinho.

Depois de comer, Joãozinho foi dormir. Quando amanheceu, ele foi para o IBC.

Lá, encontrou o menino que deu o soco nele e disse:

– Só não te parto a cara, porque você é maior do que eu.

– Ainda bem que você sabe. – falou o menino.

Joãozinho se retirou e o outro menino ficou rindo. Joãozinho falou para Chã:

– Viu, Chã? Ele se aproveita de mim só porque sou mais novo do que ele.

– Você tem que aprender a se defender. – disse Chã.

– Tá, mas deixa eu falar com ele para saber o que ele tem contra mim. – disse Joãozinho.

– Tá. – respondeu Chã.

Outro dia, Chã teve uma surpresa. Viu Joãozinho e o valentão juntos. Eles ficaram amigos.

A vitória

Raphaell Viana Nunes Tomaz de Oliveira

Um garoto normal.

Com sonhos como qualquer um.

Nasceu normal, mas ficou cego aos três anos.

Quando tinha um ano, foi apresentado para o videogame e não largou mais.

Aos dois anos, sua visão começou a diminuir.

Em seu aniversário de três anos, quando corria na rua com seus amigos, caiu feio e bateu os olhos.

Foi uma correria só.

– Infelizmente, não há o que fazer. – falou o médico.

Quando seus pais já não tinham mais esperança, viram na televisão uma reportagem sobre a escola Instituto Benjamin Constant.

Colocaram o filho nessa escola e, conforme o tempo foi passando, ele mostrou para os seus pais que cego também é gente.

Hoje, ele é um famoso advogado e tudo isso graças ao IBC: Instituto Benjamin Constant.

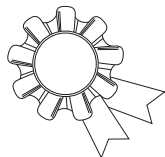
CONTOS – ENSINO FUNDAMENTAL II
(8º E 9º ANOS)



Jéssica Alves da Silva - 6º ano

1º lugar

O mistério na escola de cegos



Thainá de Lima Costa

Uma escola situada na zona sul do Rio de Janeiro, chamada Instituto Benjamin Constant, é um ótimo colégio para deficientes visuais, que acolhe cegos de todo o Brasil e dá a eles o melhor ensino, que escola alguma lá fora está preparada para dar.

Porém, a escola vem trazendo consigo uns mistérios, que polícia alguma jamais conseguiu desvendar.

De uns dois anos para cá, umas três ou quatro garotas desapareceram misteriosamente. Os parentes das garotas desaparecidas deram queixa na polícia, e todos os entrevistados, como inspetores, porteiros e professores, diziam terem visto as meninas chegarem, estudarem e depois simplesmente não mais as viram. O que teria acontecido com essas jovens? Mesmo até hoje a polícia não tendo conseguido desvendar o mistério, o Instituto Benjamin Constant (IBC)

não deixou de funcionar e, com o passar do tempo, nada mais de anormal aconteceu e ninguém mais tocou no assunto.

Agora, em 2014, Laura e Mariana, duas alunas do ginásio, que eram superamigas e sempre andavam juntas. Laura, totalmente cega, era aluna do internato. Para quem não sabe, o colégio abriga aqueles alunos que moram muito longe e que não têm condições de acordar cedo, de segunda a sexta, para ir à escola. Os alunos são levados para a escola na segunda, pelos responsáveis, e só retornam para casa na sexta, quando os responsáveis vão buscá-los. Laura era uma dessas alunas e sua amiga era externa (ia para casa sempre depois das aulas). Mariana não era totalmente cega e ajudava sua amiga a se locomover pela escola. Não que ela não soubesse, mas uma ajuda sempre é bem-vinda.

Certa vez, Laura encontrou sua amiga e, muito animada, ela disse:

– Ontem, quando eu me preparava para ir para o pátio, depois do banho, à tarde, encontrei um rapaz bem legal, que me guiou até a escada. Ele é novinho e disse para mim que é apenas um aluno novo e que só queria fazer

amizade. Ficamos conversando até tarde, ele é super legal.

– É mesmo? – perguntou Mariana.

– Ele é de que série? Tem quantos anos?

– Ele é do sexto ano, tem 16 anos e gosta de ser chamado de Tã. Não quis me falar o nome dele. Apenas pediu para que eu o chamasse de Tã. Qualquer dia, te apresento, vai gostar muito dele.

Mais tarde, já por volta de umas 16h30, Laura estava trocando de roupa no dormitório, quando alguém bateu à porta. Ao abrir, era o tal rapaz. Ele usava uma calça escura, uma blusa de manga comprida também escura e luvas pretas. As botas também pretas. Era moreno e tinha porte de homem do exército. Ele a chamou pelo nome:

– Laura!

– Tã? Você aqui?

– Vim te chamar para passar o resto da tarde comigo, princesa – dizia ele com sua voz macia, capaz de encantar os ouvido de qualquer cega por aí.

No pátio, sentados em um daqueles bancos, ela perguntou:

– Por que você está agasalhado? Está tão calor!

– Sinto frio. Se não sabe, o colégio situa-se perto da praia e por isso faz muito frio.

– Posso sentir como você é?

– Claro, princesa.

Assim, ela passou as mãos nos braços dele, no rosto e disse:

– Nossa! Mesmo agasalhado você é muito gelado!

– Como já disse, sinto frio. Mas e então, sou bonito?

– Lindo! – disse ela sorrindo para ele, que era baixa visão, assim como sua amiga. Eles seguiram conversando até a hora de dormir.

Tã não era conhecido por mais ninguém além dela, ninguém nunca ouviu falar do rapaz, nem nas listas de chamada o nome dele existia. Cansada de ser chamada de louca, até pela melhor amiga, Laura decidiu lhe apresentar Tã e Mariana aceitou o desafio.

No dormitório, lá estavam as duas aguardando as batidas na porta. E às 16h30, a hora em que, segundo Laura, ele sempre chegava, alguém bateu à porta e Mariana correu para

abrir. Ao abrir, não conseguiu conter o grito de terror! À sua frente agora, estava uma criatura alta, o corpo coberto por pelos, a criatura era negra, o rosto era como o rosto de um animal, de sua boca saía fumaça e no lugar dos olhos, duas bolas de fogo. Mariana tentou correr, mas a criatura a agarrou e disse com uma voz demoníaca:

– Você descobriu minha identidade, viu minha face, descobriu quem sou. Que pena que você é baixa visão e acabou vendo o que não deveria ver. E é exatamente por isso que não poderei deixar você ir.

Horas mais tarde, Mariana foi encontrada morta no dormitório e Laura simplesmente desapareceu. Esse foi mais um caso sem solução para a polícia. O corpo de Mariana foi periciado, mas as causas de sua morte eram desconhecidas, morreu misteriosamente, tendo suas pálpebras rasgadas e mais nada. Ao lado do corpinho dela, havia apenas um papel escrito com sangue:

“Nunca ninguém irá me descobrir. As cequinhas são minhas, e aquele que tentar me desafiar e revelar minha identidade terá o mesmo fim de Mariana.

Assinado: Tã”.

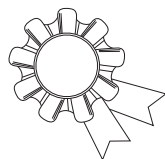
Isso foi tudo que a polícia conseguiu encontrar, além da imagem de uma estranha silhueta, adentrando aquele dormitório feminino e não mais saindo.

Por mais profissionais que os policiais sejam, nem eles e nem ninguém nunca conseguirão desvendar este mistério. Só quem pode acabar com isso somos nós.

Tã precisa ser derrotado, e para isso é preciso que alguém que enxergue espere por ele, às 16h30, próximo ao dormitório feminino. Tente fotografá-lo e espalhar a foto dele por toda a escola, espalhe até as notícias chegarem aos jornais. Assim feito, ele será descoberto e não irá mais iludir e sumir com as alunas cegas do IBC. Caso contrário, meninas cegas vão continuar desaparecendo.

Então, se você é totalmente cega, estuda no IBC e conhece o Tã, procure uma maneira de desmascará-lo, imediatamente, antes que você seja abduzida por ele para um lugar que só ele conhece.

2º lugar



Mistério do IBC

Ricardo Silva dos Anjos

Assim que o sinal tocou, anunciando o recreio, todos os alunos saíram da sala, como de costume, e foram para o pátio. Bruno, como era o aluno mais antigo da escola, formou um grupo de amigos para baterem papo.

Bruno disse aos seus colegas:

– Aí, gente, eu tenho uma coisa para falar para vocês, mas preciso que não contem para ninguém. Posso contar com vocês?

Todos ficaram curiosos e disseram que não contariam a ninguém o que ele iria revelar. Então, Bruno disse:

– Numa noite, quando descí para pingar meu colírio, vi uma coisa que nunca tinha visto na minha vida: uma seta que seguia para o saguão. Então, eu ignorei a seta e fui pingar o meu colírio. Quando eu ia subindo para o dormitório, me bateu uma curiosidade de saber o que aquela seta queria me mostrar. Chegando

ao saguão, pude observar que tudo estava em seu devido lugar, não havia nada de diferente. Então, retornei ao dormitório. No meio da madrugada, levantei para ir ao banheiro e observei a mesma seta voltada para o saguão, mas não me importei e fui dormir. Uma semana depois, vi a mesma seta e pensei: “Hoje descubro essa tal seta”. Subi, esperei todos dormirem e desci para o saguão, seguindo a seta. Chegando lá, não vi nada e decidi ficar esperando. Quando deu 23h59, ouvi um barulho estranho no corredor da secretaria, subi e não vi nada, pensei: “Foi só o vento”. Descendo para o dormitório, vi uma coisa assustadora, uma daquelas estátuas... Não posso contar mais!

Um de seus colegas perguntou:

– Por quê?

E Bruno respondeu:

– Não sei, só sei que não posso mais contar!

De tanto os seus colegas insistirem, Bruno disse:

– Tá.

Ao começar a contar, de repente Bruno desmaiou, mas estava com a aparência de que estava morto, então, seus colegas, desespera-

dos, foram correndo chamar o inspetor. Ao chegar, o inspetor levou Bruno para a enfermaria.

Lá, o aluno teve uma visão, na qual alguém dizia:

– Você não pode contar a ninguém o que aconteceu naquela noite, senão vai ser muito pior para você!

Depois de algumas horas, Bruno acordou. A enfermeira perguntou se ele já estava se sentindo melhor. Bruno disse que sim. Saindo da enfermaria, foi almoçar com seus colegas e depois jogar bola, como fazia todos os dias.

À noite, Bruno foi até o saguão tentar descobrir o mistério. Chegando lá, sentiu um toque, olhou para trás e não viu ninguém. Então, ignorou o toque, depois ouviu uma voz, que dizia:

– Vá embora e não diga a ninguém o que viu aqui durante a noite.

Mas Bruno não obedeceu e permaneceu no mesmo lugar. Com muito medo, aproximou-se da estátua e disse:

– Se vim até aqui, vou descobrir o que aquela seta queria me mostrar!

E a voz disse:

– Era um alerta de alguém que quer acabar

com esse mistério, ou seja, um alerta de nosso inimigo, mas você de intrumetido veio!

Bruno respondeu:

– Eu não queria vir, mas uma força me atraía para cá, então, não vou embora enquanto eu não descobrir que mistério é esse!

A voz tornava a repetir o alerta, mas Bruno debatia, dizendo que não iria embora. Aquilo foi se repetindo durante horas e a voz já exausta sumiu, dando vida à estátua. Bruno tentou correr, mas se viu cercado por bilhões de estátuas. Então, Bruno disse:

– Ai, meu Deus, me ajuda a derrotar essas tenebrosas estátuas!

De repente, uma estátua veio e cravou um de seus enormes tridentes nas costas de Bruno, mas ele não sentiu nada e começou a brilhar com uma forte luz insuportável. Bruno, percebendo-se mais forte, pegou uma escada e acertou em cheio o tal espírito, que deu vida àquelas estátuas.

Depois de ter derrotado o espírito, Bruno voltou para seu dormitório e dormiu.

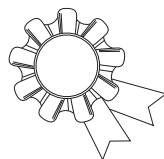
No dia seguinte, ao saírem da sala, Bruno se reuniu com seu grupo e começou a contar o

que havia acontecido naquela noite. Seus colegas ficaram espantados com o ocorrido. Na aula de Redação, a professora pediu aos alunos para escreverem sobre um fato marcante em sua vida. Bruno relatou essa história e, sem saber que estavam inscritos numa Olimpíada, tirou em primeiro lugar. Ele ficou muito feliz e seus colegas, orgulhosos, fizeram uma festa para comemorar a vitória marcante.

Meses depois, Bruno recebeu um e-mail, dizendo que sua história foi publicada e está fazendo muito sucesso. Assim, com essa alegria toda, ficou conhecido no mundo inteiro.

3º lugar

Os medrosos



Gabriel Nascimento Silva

Era uma vez um menino chamado Miguel. Ele tinha oito anos e adorava brincar. Mas o menino tinha poucos amigos, ninguém brincava com ele. Sua mãe ficava encabulada quando via seu filho brincando sozinho. Ela, quando podia, até brincava com ele, mas não dava para fazer isso toda hora. Quando sua mãe parava de brincar, ele chorava, chorava e chorava, porém, por mais que a mãe visse seu filho chorando, ela tinha que ser forte e voltar ao trabalho.

Ele estudava em uma das melhores escolas da Cidadelândia, a pequena cidade em que ele morava.

Mas, infelizmente, ele teve que sair da escola, pois nenhum de seus amigos (era para serem amigos) gostava do garoto e, quando Miguel chegava, todas as outras crianças saíam de perto dele. Por isso o menino teve que sair da escola, era ele ou todas as outras crianças.

Seu pai ficou indignado, achou que seu filho batia nas pessoas ou era muito chato, isso era o que a mãe do menino achava também. Estavam os dois, a mãe e o pai do Miguel, conversando no quarto:

– Não acredito nisso, que nosso filho foi expulso da escola! – disse o pai.

A mãe respondeu:

– Calma, amor, a diretora disse que ele não fez nada. As crianças é que têm medo dele. Ele nunca fez nada, ele chega à escola e as outras crianças começam a chorar.

O marido retrucou:

– Mas isso já tinha acontecido uma vez, quando ele era da creche, por isso ele também foi expulso e ficou cinco anos em casa sem amigos, sem ninguém. E agora que o colocamos na escola, isso acontece de novo!!!

De repente, Miguel entrou no quarto e falou:

– Papai, eu não fiz nada. Eu não fiz nada, por favor, acredita em mim.

O pai respondeu:

– Viu mulher, nem falar direito ele sabe! Falei que faz diferença ele estudar em casa ou na escola, mas fazer o que se ele não consegue fazer amigos?

Depois que o filho escutou isso, ele saiu correndo e chorando.

A mãe falou:

– Viu o que você fez com nosso filho? Agora ele está triste por sua culpa, não sei como fui escolher um marido tão rude como você. Bem que minha mãe me disse que você não prestava.

– Eu não presto? Já vem falar da sua mãe, aquela velha chata.

– Mais respeito com a minha mãe!

Enquanto os dois brigavam, Miguel estava no quarto chorando.

Sua mãe chegou e falou:

– Filho, não liga para o que seu pai fala, esquece, ele não pensa no que diz, mas fica tranquilo que vamos achar outra escola para você estudar e ter muitos amigos. Aí, eles irão vir brincar com você, e eu irei preparar muitos lanches para vocês.

Miguel sorriu e foi dormir. A mãe apreensiva também foi.

No dia seguinte, a mãe de Miguel começou a procurar uma escola para seu filho. Ligou para uma, ligou para outra, depois de tanto tempo conseguiu matricular seu filho em uma

escola, que também era uma das melhores da Cidadelândia.

Dona Rosa, a mãe de Miguel, ficou muito feliz e fala para o filho:

– Filho, já encontrei uma escola para você, arruma sua mochilinha e vamos embora.

Miguel ficou muito feliz e foi arrumar sua mochila para ir para a sua nova escola.

Quando Miguel e dona Rosa estavam chegando à escola, algumas crianças começaram a chorar e dona Rosa já ficou com medo. Quando chegaram lá dentro, todas as outras crianças começaram a chorar, mas a diretora nem desconfiou que era culpa de Miguel, por isso disse:

– Seja bem-vindo, Miguel. Você vai adorar essa escola e você irá fazer muitos amigos. Aqui você se sentirá em casa, pois essa escola é como uma família.

Dona Rosa aliviada foi embora e deixou o garoto na escola. Quando Miguel foi para a sala de aula e sentou perto da professora, os meninos que estavam perto pediram para sentar lá atrás e o menino ficou sozinho na fileira da frente. E toda a classe sentiu medo.

A professora perguntou:

– Gente, o que aconteceu? Parece que estão com medo de alguma coisa. Estão com medo do que ou de quem?

As crianças apontaram para Miguel e a professora o levou para a diretora e falou:

– Todas as crianças estão com medo dele, o que vamos fazer agora?

– Vamos ligar para a mãe dele e dizer que ele está expulso desta escola.

– Você não acha isso injusto?

– Ou ele ou o resto dos alunos.

A diretora ligou para dona Rosa:

– Alô, é a dona Rosa?

– Sim, sou eu. Quem fala?

– A diretora da escola, você precisa vir aqui.

Dona Rosa sabia o que devia ter acontecido e chamou seu marido para acompanhá-la na ida à nova (ou ex-escola) do seu filho. Chegando lá, a diretora falou que o menino foi expulso da escola, porque todas as crianças têm medo dele.

– Por que as crianças têm medo dele?

Dona Rosa respondeu:

– Isso é uma pergunta que nós também queríamos saber responder, já fomos a tudo que é médico, em vários países, e nada, nunca

descobrimos porque nosso filho causa tanto medo nas pessoas.

O pai de Miguel fica pensativo, não fala sequer uma palavra. Depois, os três, tristes, foram embora.

E deixo a seguinte pergunta para vocês, leitores, por que o menino Miguel causa medo nas pessoas?

Dez anos depois, Miguel já estava bem crescido, com dezoito anos, e agora ele não causava mais medo nas crianças, e sim nos adultos. Miguel perdeu sua mãe, dona Rosa, com doze anos. Daí em diante, vivia com o pai e se tornou um dos bandidos mais perigosos da Cidadelândia e do mundo. Todo mundo tinha medo dele, certo? Ele chegava aos bancos e todos saíam, e ele não fazia esforço para pegar o dinheiro e limpar a caixa registradora. Enquanto isso, seu pai estava bilionário à custa do respeito que Miguel tinha.

Uma vez, um agente foi treinado durante dois anos para eliminar Miguel do mapa. Quando chegou o dia, Miguel estava de costas, assaltando um banco. Quando o agente ia atirar, Miguel virou e ele saiu correndo.

Miguel era praticamente imbatível, ninguém podia detê-lo, pois todos tinham medo dele. Foram muitas tentativas desastrosas de matar o invencível Miguel.

Um dia, Miguel lembrou que quando era criança, todas as crianças tinham medo dele, por isso ele foi fazer uma visitinha a uma creche.

Quando chegou, todas as professoras foram embora de medo, mas as crianças ficaram lá, normalmente. Miguel ficou muito nervoso, pois quando era criança, ele causava medo nas crianças e agora ele só causa medo nos adultos. Mas ele pensou: “É melhor que eu só coloque medo nos adultos, imagine se eu ainda só colocasse medo em criança, eu não teria esse poder todo”.

Em seguida, veio uma pessoa estranha, que não era do nosso planeta, e disse:

– Quando você estiver velho, só causará medo nos velhos, agora você causa medo nos adultos, e não em crianças. Depois, só os velhos terão medo de você.

Enquanto isso, na escola do Instituto Benjamin Constant, algumas crianças de oito a doze anos conversavam:

– Vocês ficaram sabendo que o poderoso Miguel, que causa medo em todo mundo, não causa medo em nós, crianças? Por isso, eu, Lourenço, serei o chefe do nosso grupo e nós acabaremos com o poderoso Miguel, pois nós não temos medo dele. Nosso grupo se chamará: OS CORAJOSOS.

Esse grupo era formado por Bia, Ana, Raquel, Guilherme, Paulo, Isac, Rafael e o chefe Lourenço, que deu a grande ideia.

Eles eram muito inteligentes e, com a ajuda de todos, criaram uma supermáquina, que transforma todos em crianças. Assim, ninguém teria medo de Miguel. Agora, só faltava o golpe final. Para que a máquina transformasse todo mundo em criança, alguém teria que atirar uma substância em Miguel. Lourenço, um menino de atitude, disse:

– Eu vou.

Miguel estava em mais um banco e expulsou todo mundo, sem que ninguém fizesse nada. Lourenço chegou por trás e quando ia atirar, Miguel virou para trás, mas não adiantou. Como todos sabem, as crianças não têm medo de Miguel. Logo, Lourenço atirou em Miguel e todos viraram crianças.

Depois disso, ninguém mais tinha medo de Miguel e ele não conseguia suportar essa situação, por isso morreu.

Por que será que tinham medo do Miguel???

Ah, ah, ah, vai saber por quê.

Nunca desista dos seus sonhos

Alef da Conceição Justino

A maior parte da minha infância foi no Rio de Janeiro e o começo dela foi em Jacarepaguá, que até hoje acho um bairro muito legal. A minha infância foi bem complicada, por causa do meu problema visual, e marcada pela violência.

Eu sou de uma família de classe média. Minha mãe estava desempregada quando meu padrasto trabalhava em tempo integral. Quando ele ia para casa ele chegava bêbado e agredia a mim e a minha mãe. Ele não estava nem aí se eu tinha problema de visão ou não. Até que um dia chegou uma amiga da minha mãe e disse:

– Por que você não o coloca no Instituto Benjamin Constant? Lá tem um preparo especial para ele e ele irá gostar.

Minha mãe pensou, pensou e respondeu:

– Está bem. Vou levá-lo para fazer a matrícula.

Meu padrasto não gostou muito e disse para a minha mãe:

– Esse menino não serve para nada. Ele é uma mala sem alça. Não tem futuro nessa vida.

Minha mãe respondeu:

– Não fala isso do meu filho, porque ele é tudo para mim.

Eu fiquei emocionado e comecei a chorar. Minha mãe falou:

– Fica tranquilo, meu filho. Eu confio em você e na sua capacidade. Eu vou sim matricular você.

No dia seguinte, nós fomos ao Instituto Benjamin Constant.

Quando cheguei à instituição tive que falar com o diretor. Ele me mandou fazer alguns exames para saber qual era o meu problema de visão. Depois disso, ele disse para eu voltar e entregar os exames. O diretor falou:

– Mãe, fique tranquila. O seu filho começará a estudar na segunda-feira. Só que ele só poderá ir embora nas sextas-feiras.

No começo, minha mãe não quis me deixar ficar, pois ela nunca tinha passado muito tempo sem mim. Mas o diretor insistiu tanto que ela deixou.

O mais marcante da escola foi o primeiro dia de aula. Eu fiquei com um pouco de medo. Eu era muito tímido e vergonhoso com as coisas. Eu me lembro como se fosse hoje, os alunos da instituição vieram falar comigo, me mostraram o colégio, aí percebi que eu não era mais diferente, que eu era igual a todos dali.

A semana passava muito rápido e eu não queria mais ir embora, mas, mesmo assim, sentia saudades da minha mãe. Quando ela chegou com o braço roxo e a cara inchada, eu perguntei:

– Mãe, o que foi isso?

Ela disse:

– Não foi nada, filho. Vamos embora.

No caminho de casa, ela me perguntou:

– Filho, como foi a sua semana no IBC?

– Mãe, foi muito bom! Fiz amizades e descobri também que posso ganhar benefício por conta da minha deficiência.

– Sério, filho?

– Sério, mãe.

– Mas eu faço como para conseguir isso para você, meu amor?

– Ah, mãe. É fácil. É só você ir à assistência social e falar que você tem filho com deficiência.

Minha mãe foi à assistência social para dar entrada no benefício, mas, infelizmente, foi negado. Ela tentou novamente, mas não conseguiu, então, desistiu.

Quando cheguei em casa, fui tomar banho e minha mãe foi arrumar a casa. Depois, eu fui ver TV. Quando eu estava assistindo TV, meu padrasto chegou quebrando tudo e jogando na cara da minha mãe:

– Eu pago tudo aqui e esse teu filho vai ser vagabundo mesmo. Moleque, me traz uma cerveja.

Eu não quis buscar e ele falou:

– Você não vai, né?

Ele levantou, pegou o cinto e começou a me bater, falando que eu tinha que obedecê-lo ou então eu apanhava. A minha mãe entrou na frente da cintada e disse:

– Não bata no meu filho!

Ele empurrou a minha mãe e ela bateu a cabeça na mesa de centro. Ele disse:

– Vou ao bar. Quando voltar, não quero ver essa bagunça.

Depois de dois anos, eu consegui ganhar meu primeiro benefício, mas minha mãe falou:

– Seu padrasto não pode ficar sabendo que você está ganhando benefício, senão ele vai querer prender tudo.

– Mãe, eu não vou falar nada.

Depois daquele dia, eu comecei a juntar dinheiro. Toda vez que eu recebia, eu dava para a minha mãe e ela guardava. Eu disse:

– Mãe, vou tirar a senhora dessa casa.

Ela disse:

– Vou esperar, meu filho.

Depois de três anos, meu padrasto foi preso. Nesse momento, fui a pessoa mais feliz do mundo.

O tempo foi passando e fui percebendo que no Instituto Benjamin Constant eu estava criando uma família. Em 2007, comecei a fazer esportes. Comecei pela natação. Em 2008, fui fazer judô e em 2009, fiz atletismo.

Hoje em dia, sou um cara muito feliz. Encontrei o amor da minha vida aqui no IBC. Somos felizes até hoje. Por isso, agradeço cada dia da minha vida por ter encontrado uma instituição como essa. Eu sei que, hoje em dia, nada é fácil se a gente não batalhar. Eu agradeço aos professores e aos diretores por dar assistência a

mim e aos alunos. Por isso, falo que o Instituto Benjamin Constant foi a melhor escola que eu já tive. Esse é o meu último ano e vou sentir saudades dessa instituição, dos meus amigos e da minha família, que eu fiz nessa trajetória. Eu nunca irei esquecer.

O único conselho que deixo para as pessoas é: Nunca desista dos seus sonhos, porque eles são fundamentais para crescermos na vida!

João, o bombeiro mirim

Calebe Ribeiro de Carvalho Correa

Em uma escola muito antiga, mas muito bem conservada, havia um adolescente, muito inteligente, só tirava oito, nove e dez nas provas. O sonho dele era ser bombeiro, mas como ele não enxergava muito bem, as pessoas ficavam zoando dele, dizendo:

– Cara, como você quer ser bombeiro se você não enxerga? Só se for pra você ir resgatar uma pessoa no incêndio e os outros bombeiros terem que entrar para resgatar os dois.

Mas ele não desistiu, continuou estudando e seguiu com seu sonho. Nas férias, porém, ele acabou ficando doente e foi internado. Os médicos descobriram que ele tinha poucos dias de vida. Sua mãe só o via triste e sofrendo até que ela, com pena por ele estar sofrendo naquela cama, foi até o quartel dos bombeiros e conversou com o chefe dos bombeiros, pedindo para fazer algo para o filho se alegrar.

Então, os bombeiros marcaram um dia, no qual saíram do quartel parecendo que iam

socorrer vítimas de um incêndio, mas foram em direção ao hospital.

Chegando lá, colocaram a escada magirus na janela e o chefe de bombeiros subiu até o quarto, vestiu um uniforme de bombeiros no João e saíram os dois pela janela. Naquele dia, João participou de alguns chamados de emergência. No final do dia, levaram João de volta para o hospital.

A mãe de João nunca viu seu filho tão feliz como naquele dia, mas, infelizmente, três semanas depois, João veio a falecer.

O craque o IBC faz em casa

Carlos Henrique da Silva Oliveira

Um garoto chamado Chifuntifórmio, apaixonado por futebol, ficou cego num acidente com uma arma de fogo e foi mandado para uma escola de cegos.

Desde pequeno, apaixonado por futebol, ele achou que seria o fim. Mas os professores conversaram com ele sobre futebol de cinco. Os olhos do garoto brilhavam e, no dia seguinte, começou a praticar esse esporte.

Aos poucos, ele foi se desenvolvendo e melhorando. Seis anos depois, nas paralimpíadas de 2016, ele estava lá, com a seleção brasileira campeã. Na final contra a Espanha, marcou 3 gols e deu a vitória para nós.

Mas, infelizmente, aos 45 minutos do segundo tempo, ele sofreu uma falta desleal e nunca mais pôde jogar.

Anos depois, ele voltou à escola e assumiu o cargo de diretor e implementou reformas, como nenhum outro.

Chifuntifórmio morreu aos 75 anos, teve uma morte tranquila, ao contrário de como foi sua vida.

A história do Instituto Benjamin Constant

Ewerton Thiago Nunes de Jesus

Eu estava no dormitório me divertindo bastante até que o aluno Vanderley entrou e derrubou um armário de doze portas no chão. Ele gritava muito alto, xingava os inspetores e os alunos. A direção do IBC não fazia nada com ele, parecia que a direção tinha medo dele, porque ele era um aluno muito rebelde.

O Vanderley gostava de ficar fazendo muitas zoações com os seus melhores amigos e adorava chegar atrasado às aulas. Ele gritava muito alto com sua professora, mas, tirando essas coisas que ele fazia, era uma ótima pessoa. Ele era o meu melhor amigo.

Um cego perante o campo de batalha social

José Luiz Perdigão Maia

Oi, com licença para lhe convidar a entrar nas ideias de mais um cego. Não estou pedindo que aceites, pois se você não tem a capacidade de me criticar, não está apto a penetrar em minhas ideias. Aceita meu convite?

Antes de eu nascer, minha mãe estava muito feliz pela perspectiva de ter um filho. Três meses após eu nascer, ela descobriu que eu seria cego. Na época, ela teve isso como um castigo, hoje, eu vejo esse fato como um presente, pois quando você é cego, ou você reage ou você sucumbe, e sua família é um dos fatores mais importantes nesse momento de decisão.

Oito anos se passaram, o neném tornou-se uma criança cega. Qualquer outra criança de oito anos de idade não teria sido tão castigada, com tanta violência e tão insistentemente quanto o sol sobre as áridas terras do Saara, mas as terras do meu ser usaram o calor do sol para ajudar na germinação de plantas.

Pois, então, eu deixara de ser uma árida

terra para ser uma terra fértil, onde os frutos podem ser colhidos facilmente e uma terra onde se pode plantar uma semente, porém não são todas as que brotam...

Foi nessa faixa dos oito anos de idade que eu conheci o IBC.

IBC. Escola para cegos, gosto mais de pensar nela, hoje, como um porto seguro, local onde eu, como cego, posso me preparar para ir para a desleal batalha travada na minha breve existência como cidadão brasileiro.

Um dia, enquanto continuava meu lento e persistente caminho pelas estradas de minha vida, ouvi falar sobre inclusão social. A mística fórmula que, teoricamente, poderia ser implementada na sociedade para libertar um cego do seu fardo.

Mas se é fardo, eu acredito que é para ser carregado. E aqui deixarei um recado para os meus maravilhosos leitores: Eu acredito veementemente na inclusão, mas acho que a iniciativa tem que ser nossa, pois ou você se inclui ou você se exclui.

Descobrimo os caminhos do IBC

Manuella Jordão Fernandes

Quando cheguei à Estimulação Precoce, muito pequena e desacreditada por muitos, percebi que estava em um caminho muito estreito, onde encontrei diversas barreiras que me fizeram sair do caminho.

Mas um anjo apareceu em minha vida e me ensinou a lutar e a superar minhas limitações. Sendo assim, consegui passar pelo primeiro caminho.

Após quatro anos, fui trilhar em um jardim muito belo (Educação Infantil), onde encontrei pessoas que me ensinaram as atividades pedagógicas de uma maneira diferente, simplesmente brincando, isso me marcou até o dia de hoje. Nesse jardim, exalei o meu perfume de perseverança e determinação, o qual impulsionou a todos os professores a trabalharem comigo com mais garra. Portanto, foi assim que passei pelo segundo caminho.

Cheguei finalmente a um caminho onde encontrei as letras, os números e as pontuações

(Classe de Alfabetização). Muitos obstáculos apareceram, foram necessárias várias adaptações para eu continuar. Insisti, venci e passei pelo terceiro caminho.

Atualmente, estou em um caminho, onde as pessoas estão me ensinando a ter responsabilidade, companheirismo e disciplina (8º ano do Ensino Fundamental). Essas qualidades levarei comigo e, por onde eu passar, farei a diferença.

Tenho certeza de que, mesmo com todos os obstáculos encontrados, valeu e continua valendo estar nos caminhos do IBC.

Aprendendo a viver

Vitor Viana da Silva

Tudo começou aos 11 anos de idade. Um garoto que passou a sua infância toda enxergando perfeitamente teve uma grande decepção. Ao completar seus 11 anos de idade, ele descobriu que era portador de uma doença que causaria a perda de sua visão.

Esse garoto estudava em um colégio público, onde todos o zoavam por ser diferente, pela sua má condição visual. Quando ele ia para a escola, ele se sentia o moleque mais feio e burro do mundo, mas não era só pela sua deficiência visual que o zoavam. Por ele ser tão menosprezado, ele não sentia vontade de se arrumar e se vestia de qualquer jeito e era um garoto bem magrinho, no qual todos batiam e zoavam.

Mas passaram-se os anos, ele havia se cansado daquilo tudo e prometeu para si mesmo que, a partir daquele momento, não iria deixar mais ninguém pisar nele.

Foi aí que ele conheceu o Instituto Benjamin Constant, onde começou a estudar e a per-

ceber o valor que ele tinha e o quanto era capaz de conquistar seus sonhos.

Sua autoestima mudou completamente, porque, finalmente, ele estava ao redor de pessoas que se importavam realmente com ele e deixou de se sentir o menino mais burro e feio do mundo e passou a ser um menino inteligente e bonito.

Ele pôde perceber, nesses anos que passou no Instituto Benjamin Constant, que podemos até sair do instituto, mas o instituto nunca vai sair de dentro de nós, porque o que a gente aprende aqui, vai levar pela vida toda.

IBC e o medo

Vitória Amorim do Nascimento

No momento em que pisei no instituto, senti algo estranho, como arrepios e a presença de uma coisa anormal. Senti medo.

Eu sabia que, sem a minha mãe, poderia ser difícil, mas não sabia que iria ser assustador. Minha primeira noite como aluna interna foi algo sinistro, eu não tinha sono, chorava com saudade de casa. De repente, com o silêncio da madrugada, portas se abriam e fechavam, seus ruídos eram como nos filmes de terror. As janelas batiam, mesmo sem vento e eu ouvia passos pelo corredor, mesmo quando não havia ninguém, e um assobio, que soava no pátio. Cobri a minha cabeça com o cobertor e me perguntei: “Meu Deus, o que é isso?”. Senti medo.

Na manhã seguinte, contei às minhas companheiras o que tinha acontecido, e elas disseram que era comum isso acontecer.

Quando a noite chegava, tudo se repetia, o medo tomava conta de mim, arrepiava-me

dos pés à cabeça, minhas noites de segunda a sexta-feira eram passadas em branco, porque sentia medo.

Mas, sempre pela manhã, todo esse medo passava, pois tinha comigo meus colegas de classe, os meus professores e algo que eu amava fazer e continuo amando que é estudar.

Benjamin Constant e o sumiço do piano

Yan Monteiro de Melo

– Todos acordem imediatamente, isso não é um exercício! – gritava o inspetor em voz perfeita e em ritmo acelerado. – O piano sumiu. Quero que todos estejam arrumados e prontos em trinta minutos para que desçam. Vamos averiguar o sumiço desse piano.

Ninguém entendia nada, ninguém sabia de nada, mas em contrapartida todos obedeceram ao inspetor, aprontaram-se e desceram. Lá estava seu Manel, o inspetor de olhos negros e tristes, cabelos brancos e lisos e barba feita. Tinha um jeito de general mau, mas isso era só um jeitão, pois as crianças o adoravam.

– Quem pegou o piano do teatro? – perguntou seu Manel, com tom de voz alto e bufando como uma mula. – Repito, quem pegou o piano?

Novamente, a sala foi tomada por um profundo e irreversível silêncio.

– Ah, ninguém vai responder? Pois bem, quero que todos abram os armários.

Desta vez, a sala foi coberta por risos e

gargalhadas. Até o inspetor perguntar:

– Há um palhaço aqui?

A ideia de que haveria um piano no armário era loucura, passava do cúmulo do absurdo. Mas o inspetor se mantinha persistente em sua teoria.

– Então, todos os alunos abriram os armários, onde estavam os seus pertences. Conclusão: não havia nada. Um aluno se dirigiu ao inspetor:

– Pronto, satisfeito? Não há nada aqui além dos nossos pertences. Onde já se viu piano escondido no...

Nem esperou o menino concluir a sua frase. Todos ficaram pasmos com o que houve.

– Suspensão para todo mundo.

Todos ficaram tristes com o que acabaram de ouvir.

No dia seguinte, o inspetor marcou uma nova reunião com os alunos.

– Eu gostaria de pedir desculpas aos alunos por permanecer fiel a essa teoria idiota, e todos estão livres da suspensão. Hoje pela manhã, o faxineiro me disse que removeu o piano para limpeza. E em especial a você, Fernando,

queria lhe pedir desculpa.

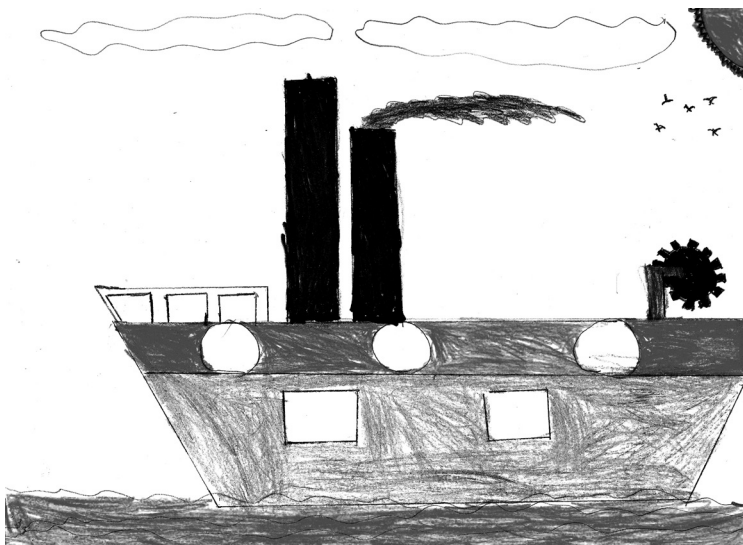
– Que nada, nós somos amigos, e talvez, daqui a algum tempo, cego esteja dirigindo carro.

– Cego dirigindo carro! – disse o inspetor.

– Não pode ter piano no armário? Por que cego não pode dirigir?

Todos explodiram em gargalhadas.

POESIAS – REABILITAÇÃO
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL



Leonardo Sabino - 6º ano

160 anos do IBC

Alcei Chrysostomo Garcia

Benjamin, Tu és para mim
Como uma árvore frondosa
Que em seus inúmeros e fortes galhos
Abriga-nos com carinho e amor!
Você é o tronco,
nós, Reabilitandos e Convivência,
somos os teus frutos!

As crianças são as flores mais lindas
De muitas cores e fragrâncias
Que com muita algazarra e alegria
A todos nós contagiam.

É difícil por aqui encontrar gente infeliz,
Porque aqui aprendemos
a conviver com a limitação.

Este encanto e magia não nasceram hoje,
Final já são 160 Primaveras!
É o resultado de um longo caminho percorrido,
Fruto do trabalho de muitos!

Querido Benjamin Constant,
Mais 1 ano se passou
Mesmo assim você está muito bem
Pouca coisa mudou em você:
As pessoas mudam,
mas seu ideal continua
“Ser esperança de dias melhores
para muitos”

Só nos resta agradecer a DEUS
Por você chegar aos 160 Anos
E desejar muitos anos de vida
Para que possa continuar ajudando
a quem precisa.

Parabenizamos também toda a diretoria e
funcionários
Pelo carinho e dedicação
Por desempenhar tão nobre missão
De educar cegos e deficientes visuais.
Mais uma vez, muito obrigado,
e feliz aniversário.

Cego é aquele que não quer ver

Waldir Domingues Lopes

Olha lá o Pão de Açúcar
De longe todo mundo vê
Bondinho subindo
Bondinho descendo.

É bonito
É bonito como o quê!
E o Benjamin?
O Benjamin é logo ali.

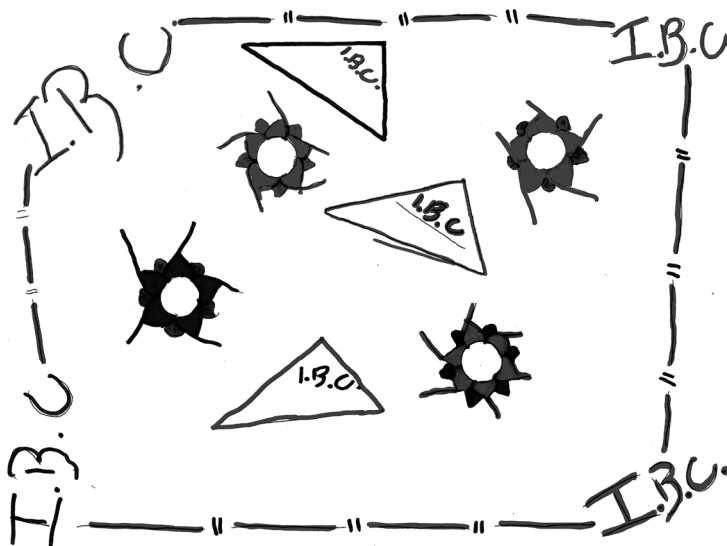
Onde o cego aprende a sorrir
Você passa todo dia e nem olha pra mim
Você diz que vê
Mas não quer ver.

Não sei o que vou fazer
Você diz que vê
Mas não quer ver
Francamente, eu acho que o cego é você.

É lá que eu vou

É lá que eu quero ir
No Benjamin sonhar, cantar e sorrir
Olha lá o Pão de Açúcar
O Benjamin fica logo ali.

CONTOS - REABILITAÇÃO
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL



Viviane Silva de Souza - 6º ano

Ficando cego

Alcei Chrysostomo Garcia

Vou lhes contar a história de minha luta contra a cegueira, que já dura muitos anos.

Sou mineiro, nascido em uma grande família, de quatro filhos e quatro filhas. Dos oito irmãos, três homens nasceram com a doença Retinose Pigmentar. Apenas meu irmão mais velho não a contraiu, não sabemos por quê. Outros dois ficaram totalmente cegos bem jovens, pois nunca se trataram. Mas minha história foi diferente, e quero compartilhar com vocês.

Muito jovem, vim para a casa de minha irmã no Rio de Janeiro, tentar a sorte. Ela já estava aqui com marido e filhos, morando na Cidade dos Meninos, em Duque de Caxias. Foi lá que conheci Dalva, minha esposa, que também estava morando lá. Entre o namoro e o casamento não demorou muito, porque ela já trabalhava e eu consegui emprego como operário na Fábrica Nacional de Motores de Xerém, onde fomos morar. Ela saiu do emprego, pois tivemos três filhos, e não tínhamos com quem contar.

Os sinais da doença começaram a aparecer em meus irmãos e em mim na juventude, a partir dos 20 anos.

Levávamos uma vida com poucos recursos, pois meu salário era baixo. Mas Dalva, muito esclarecida e determinada, se empenhou e correu atrás de informações no INSS, no Centro do Rio de Janeiro. O oftalmologista, Dr. Carlos Alberto, foi quem diagnosticou a doença e nos deu as primeiras orientações sobre o tratamento desenvolvido no Instituto Hilton Rocha. Batalhamos junto ao INSS para conseguir os recursos para irmos a Belo Horizonte, no Instituto Hilton Rocha, em busca do que havia de mais moderno em matéria de tratamento dessa doença. Foi a primeira vez que andamos de avião, tudo pago pelo INSS. Lá, ficávamos uma semana fazendo exames e consultas. Comprávamos uma vacina cara, que não podia descongelar durante a viagem, vinha em um isopor com gelo.

Durante estas viagens, deixávamos nossos três filhos adolescentes sozinhos em casa, pois não tínhamos ninguém para ajudar. Mas deu tudo certo. Foram alguns anos de

muito sacrifício e empenho no tratamento, para tentar “congelar o avanço da doença”, que era progressiva, mas com muito sucesso.

Neste período, tentamos sensibilizar meus irmãos e um sobrinho criança, que já apresentava os sinais da doença, para ingressarem no tratamento, pois eles moravam lá em Belo Horizonte e tudo seria mais fácil, mas não tivemos êxito. Seja por ignorância, seja por falta de um apoio familiar capaz de ajudá-los, seja por falta de determinação de fazer sacrifícios para obter um resultado satisfatório, meus irmãos ficaram totalmente cegos aos 40 anos, meu sobrinho, muito mais jovem, já está bem comprometido.

Eu, aos 79 anos, ainda tenho visão central, que me permite enxergar algumas coisas, como por exemplo: ler e escrever na tela do computador, ver um carro, postes e vários objetos.

O fato de ter conseguido adiar o avanço da doença e da perda da visão, diferentemente dos meus irmãos e de tantas outras pessoas, devo agradecer a três pessoas:

Primeiramente a Deus, que, em sua infinita bondade, foi tirando minha visão lentamente, permitindo-me um processo de adaptação

gradativa a esta nova realidade, e porque colocou em minha vida pessoas muito especiais, que cuidaram de mim.

Em segundo lugar, agradeço a minha querida esposa Dalva, com quem acabo de completar 57 anos de casado. Ela sempre me incentivou a fazer todos os tratamentos possíveis, me acompanhando por todos os lugares por onde passamos, cuidando do pouco dinheiro que tínhamos, para garantir todos os exames e remédios necessários. Até hoje é incansável em seus cuidados comigo. A ela, meu muito obrigado por tanta dedicação.

Outra pessoa muito querida nesta história é a Dra. Rosane Rezende, oftalmologista, especialista em doenças da retina, que conhecemos quando ela fazia residência médica no Instituto Hilton Rocha, quando comecei o tratamento lá. Ao longo desses anos, ela se tornou uma pesquisadora reconhecida internacionalmente nos estudos que buscam a cura dessa doença, e tive a felicidade de poder ser paciente dela aqui no Rio de Janeiro, onde ela estabeleceu sua clínica. Passados mais ou menos vinte e sete anos, continuo fazendo tratamento com

ela, a quem agradeço pelo êxito de suas orientações e medicamentos e pela dedicação e carinho com que sempre me atende, muitas vezes não cobrando devidamente seus honorários. Dra. Rosane, obrigado por sua competência, que me livrou de não ter ficado totalmente cego até agora.

E tem mais: através dela, tomei conhecimento da Retina Rio, uma associação de portadores da doença, que promove seminários nos quais Dra. Rosane e outros médicos nos apresentam os resultados das pesquisas e congressos internacionais, os estudos com novos medicamentos, com células tronco, que nos enchem de esperanças. Já me coloquei como disponível para os experimentos com os medicamentos que estão em fase de desenvolvimento lá fora, quando os testes forem autorizados no Brasil.

Foi ela também que me encaminhou para o Instituto Benjamin Constant, há nove anos, para dar início à minha reabilitação, cujo principal objetivo era que eu aprendesse a usar a bengala. No início, foi muito difícil. Dalva me acompanhava, pois moramos em Irajá e o Instituto fica na Urca. Por vários meses ela foi comigo, até se sentir segura de que eu

conseguiria ir sozinho, sem riscos, já que eu não usava bengala no início. Eu achava aquilo uma humilhação, pois pensava: como aparecer perante meus amigos usando uma bengala?

Aos poucos, fui me inserindo nas atividades de cestaria, nos grupos de convivência, nas aulas de Braille, entre outras atividades. Fiz muitos amigos e descobri que ser cego não era o final de tudo. Passei a participar das atividades culturais, escrever poesias, cantar, dançar e desfilhar.

A tia mais nova

Maria das Graças M. Guimarães

Rosinha, uma menina de sete anos, miudinha, feinha, mas muito esperta e travessa, era filha temporã, nasceu com deficiência visual, dispondo de baixa visão. Tem três sobrinhos que nasceram antes dela. O mais velho tinha doze anos e não a incomodava, o do meio tinha dez anos, era implicante e maldoso, porém o mais novo, Tônico, de oito anos, era para ela como um irmão. Rosinha estudava no IBC – Instituto Benjamin Constant, uma escola especial para pessoas com problemas de visão. Passava boa parte do dia lá e, depois que chegava em casa, brincava o resto do dia com Tônico, e quase nunca brigavam. Tônico era quieto, submisso e obediente. Rosinha se aproveitava disso: era ela quem comandava as brincadeiras e dava as ordens. Tudo ia bem até aparecer o sobrinho do meio, o qual Rosinha chamava de “o Atentado”. Ela dizia quando o via chegando: “lá vem o Atentado”, e ele realmente o era.

Zeca só queria fazer maldades, tanto com o irmão caçula quanto com a tia, que eles nem sabiam que era tia, e sempre propunha coisas difíceis e perigosas para brincarem. Tônico logo dizia “não”, pois era muito medroso, mas a menina não era de fugir de desafios, sua escola a ensinava a ser independente e obstinada, topava de cara e ainda obrigava Tônico a participar.

Numa tardinha, quando o sol já se punha, Zeca apostou que os dois não teriam coragem de ir até o local que eles chamavam de buracão. Era realmente uma cratera, obra da natureza. Lá dentro, corria uma mina de água cristalina, que dava até para beber, tinha uma trilhazinha que descia barranco abaixo.

Um dia antes, o gato de dona Conceição tinha morrido e ela pediu ao Zeca para jogar o bicho no buracão, mas as crianças não se lembraram do gato.

Para descer era moleza, bastava sentar-se e ir escorregando, e assim foi. Rosinha foi na frente, depois Tônico, mas o atentado do Zeca não desceu e, lá de cima, começou a gritar:

– Seus bocós, o fantasma do Fiapo vai pegar vocês e transformar vocês em ratos.

Tonico, mesmo depois de ter molhado as calças, ficou mais ligeiro que um raio e subiu a trilha em dois tempos, se agarrando nos matos, porém Rosinha, tão serelepe e corajosa, subia um metro e descia dois. Enquanto isso, os meninos correram para casa. Depois de muitas tentativas, ela conseguiu sair do buracão, gelada de medo, mas não perdeu a pose e, chegando até os meninos, que acreditavam que algo de terrível tinha acontecido a ela, disse:

– O fantasma do Fiapo me ajudou a sair, eu saí voando, mas ele mandou um aviso para vocês: esta noite, ele vem dormir com vocês.

Os dois meninos passaram a noite em claro.

MINIBIOGRAFIAS

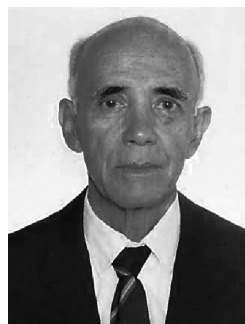
Acauã Aetê da Silva Pozino

Nasci em 2001, na cidade do Rio de Janeiro. Sou multi-instrumentista, compositor e escritor, além de ter experiências como ator. Pratiquei judô durante cinco anos antes de me voltar, exclusivamente, para as minhas ocupações artísticas em 2013.



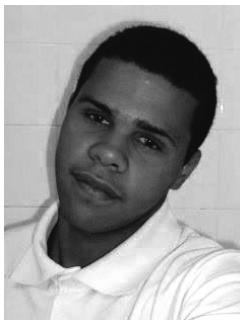
Alcei Chrysotomo Garcia

Nasci em Belo Horizonte – MG, mas moro no Rio de Janeiro há 60 anos. Tenho 79 anos, sou casado, pai de três filhos e avô de cinco netos. Fui inspetor de qualidade, mas agora estou aposentado. No IBC, participo das atividades: ginástica para terceira idade, cestaria, violão, informática e Inglês.



Alef da Conceição Justino

Sou aluno do Instituto Benjamin Constant e nasci em 1993. Moro no Rio de Janeiro e adoro fazer esportes. Estou no último ano do Ensino Fundamental.



Alice Rosa de Oliveira

Nasci em 19 de agosto de 1998. Tenho 16 anos e moro em Nova Iguaçu. Estudo no Instituto Benjamin Constant e estou no 6º ano. Gosto de comer galinha com quiabo e strogonoff de frango. Gosto de fazer bala de chocolate e de ficar perto da minha família.



Ana Vitoria Alves Soares

Meus pais se chamam André Felício da Silva e Ana Cláudia Alves Soares. O meu aniversário é dia 22 de julho. Sou deficiente visual. Estudo no Instituto Benjamin Constant e tenho 12 anos.



Ayra Aparecida Alves dos Santos

Nasci em 14 de novembro de 1995. Tenho 18 anos e estou no 6º ano. Moro em Duque de Caxias. Entrei no IBC no dia 9 de agosto de 2008. As coisas que eu gosto de fazer são: ouvir músicas, ficar na internet, conversar com meus amigos, estudar etc.



Calebe Ribeiro de Carvalho Correa

Estudo no Instituto Benjamin Constant e estou no 9º ano do Ensino Fundamental. Sou carioca, tenho 16 anos, resido no Rio de Janeiro, amo nadar e lutar jiu-jitsu.



Carlos Henrique da Silva Oliveira

Nasci na cidade de Paracambi em 25 de janeiro de 1999. Atualmente, curso o 9º ano do Ensino Fundamental no Instituto Benjamin Constant. Em 2012, fiz parte da equipe paralímpica escolar, conquistando uma medalha de ouro e uma de prata no judô. Além dessa modalidade esportiva, pratiquei também piano e teatro. Meus principais interesses são política, esportes, literatura e música.



Cleyton de Lima Cardoso

Sou muito extrovertido, alegre, gosto de música, tenho uma banda e sou muito talentoso. Não tenho muita criatividade com literatura, mas fiz esse poema com toda criatividade e força de vontade, e eu espero que gostem dele.



Dayane Silva dos Santos

Nasci em 26 de janeiro de 1998, na maternidade de Campinho, e fui diagnosticada com glaucoma congênito. Logo após, passei por uma cirurgia na Policlínica de Botafogo e fui encaminhada para o Instituto Benjamin Constant, onde comecei na Estimulação Precoce, com a professora Rita, que me deu o maior apoio. Depois passei pela Alfabetização e, agora, estou no 8º ano do Ensino Fundamental. Pretendo fazer faculdade de Psicologia e sonho fazer teatro e ser cantora.



Daylane Monteiro Maia

Tenho 16 anos, estudo no IBC há um ano e meio. O IBC é muito importante para mim, porque já estudei em escola pública regular. Acho que na escola além de aprender matérias, aprendemos como conviver com cada tipo de pessoa, é como um preparo para vida. Atualmente, estou no 6º ano do Ensino Fundamental. Tenho o sonho de um dia fazer faculdade, mestrado e doutorado em Psicologia. Amo ler, navegar na net, ouvir música e sou viciada em celular.



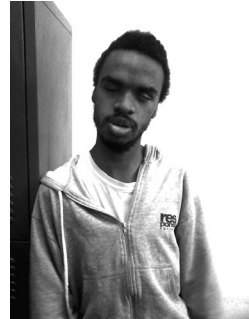
Ewerton Thiago Nunes de Jesus

Sou aluno do 9º ano do Instituto Benjamin Constant. Gosto muito de ler e de fazer esportes. Sou flamenguista.



Felipe Pereira Rodrigues

Tenho 21 anos, estou no 9º ano do Ensino Fundamental. Estudo no IBC desde pequeno. Gosto de escrever, principalmente, músicas, uma das minhas atividades preferidas.



Gabriel Nascimento Silva

Tenho 14 anos, estudo no Instituto Benjamin Constant desde 2008. Sempre gostei de escrever contos, mas o que quis publicar foi o conto “Os Medrosos”. Na minha opinião, esse conto, no final, tem algumas surpresas que levarão o leitor a tirar suas próprias conclusões.



Giovana Moura de Souza

Nasci em Feira de Santana – BA no dia 10 de outubro. Minhas cores favoritas são lilás e rosa. Adoro ir ao shopping. Entrei no Instituto Benjamin Constant em março deste ano. Meu hobby é estudar Português.



Guilherme Santa Rosa de Almeida

Sou aluno do 3º ano do Instituto Benjamin Constant. Eu gosto de ler e gosto muito da biblioteca.



Jéssica Alves da Silva

Tenho 11 anos. Moro com a minha mãe, tenho três irmãos. Nasci em 2002, no dia 8 de setembro. Estudo no IBC há um ano. Sou da turma 604. Tenho muitos colegas na instituição. Gosto daqui e queria nunca sair dela. Sou interna e gosto de ser do dormitório das menores.



Jéssica Vieira da Costa

Tenho 22 anos, estudo no Instituto Benjamin Constant e gosto de esportes. Adoro os livros do Nicolas Spark.



José Luiz Perdigão Maia

Tenho 15 anos, estou no 8º ano do Ensino Fundamental. Sou atleta da natação e já participei de diversos campeonatos. Apesar da minha queda pelos esportes, gosto muito de escrever.



Lorena Lourenço dos Santos

Tenho 12 anos e entrei no Instituto Benjamin Constant este ano. Adoro atuar, cantar e dançar, mas eu sempre quis ser poeta.



Manuella Jordão Fernandes

Tenho 19 anos, nasci em Campo Grande – RJ. Sou filha de Manoel Amaro Fernandes e Eliane Jordão Fernandes. Estudo no Instituto Benjamin Constant e estou no 8º ano do Ensino Fundamental. Faço teatro e me apresento em vários eventos cantando. Eu tenho o sonho de um dia fazer faculdade de Psicologia e ter o meu próprio consultório. Superação é uma palavra que está relacionada com Manuella.



Marcos Vinícius Trindade

Nasci no dia 26 de junho de 1997. Comecei a estudar no Instituto Benjamin Constant em 2010. Estou no 6º ano e meus passatempos são brincar com minha família, jogar video game e ouvir rock.



Maria das Graças M. Guimarães

Todos me chamam de “Graça”. Tenho 63 anos, nasci na cidade de Divinópolis – MG e vivo no Rio de Janeiro desde que me casei com um carioca em 1975. Tenho dois filhos, Leonardo e Leandro, e uma neta, Letícia. Moro no bairro Pavuna. Sou do grupo de Convivência e frequento as reuniões da Dra. Cristina. Sempre gostei de escrever e contar histórias



Mariana de Oliveira

Estudo no Instituto Benjamin Constant e estou no 6º ano do Ensino Fundamental. Tenho 15 anos, moro em Duque de Caxias e meu hobby é fazer contas.



Millena Ribeiro de Freitas

Eu estudo no IBC. Lá eu brinco e estudo. Sou uma criança humilde. Tenho 9 anos e faço judô.



Monique Ferreira de Sousa

Nasci em 1995, tenho 19 anos, moro no Rio de Janeiro. Sou aluna do 6º ano do IBC. Meu passatempo é ler e escrever.



Paula Lopes de Oliveira

Nasci em 1995, em Belford Roxo – RJ, no dia 31 de outubro. Comecei a estudar no IBC em 2006. Sou aluna do 6º ano, turma 602. Participo do grupo “Corpo Tátil”. Gosto de ler, escrever, ouvir música, dançar, sair com os amigos, ir ao cinema etc.



Pedro Marco Pereira Costa

Tenho 13 anos, nasci em 2001, no dia 12 de fevereiro. Gosto de jogar bola e video game. Gosto de ficar no Facebook e de falar e de ler coisas em espanhol. Gosto das cantoras que cantam em espanhol. Adoro macarrão com salsicha, bolo de chocolate, cachorro-quente e hambúrguer. Estudo no IBC há dois anos. Este ano troquei de dormitório e estou com meus amigos.



Raphaell Viana Nunes Tomaz de Oliveira

Nasci em 4 de abril de 2000. Estudo no IBC desde os meus 3 meses de idade. Tenho 14 anos e gosto de ficar na internet por 24 horas.



Ricardo Silva dos Anjos

Nasci em 1994, tenho 19 anos. Atualmente, estou cursando o 8º ano do Ensino Fundamental. Sou atleta, pratico goalball e também faço aula de teatro, estou atuando na 4º peça teatral.



Sérgio Fernandes Júnior

Tenho 14 anos, moro no Rio de Janeiro e estudo no Instituto Benjamin Constant desde 2011. Tenho cara de humorista, meus amigos falam que sou muito engraçado. Na escola, meus professores riem bastante das piadas que faço. Tenho um problema em minha vista e meus colegas, tanto da escola como do meu bairro, me apoiam bastante. À noite, em Campo Grande, onde vivo, meus colegas me ajudam a desviar dos objetos nas ruas. Sou muito grato a eles por isso. Meus amigos de Campo Grande me perguntam como os deficientes conseguem saber com quem eles estão falando. Por isso, levei dois colegas do bairro até o IBC. Quando eles viram deficientes identificando as pessoas ficaram impressionados. Meus irmãos, Wallace e Maicon, que nunca tinham ido ao meu colégio, quando viram deficientes jogando bola acharam bem legal. Meu irmão Wallace deixou o preconceito de lado e disse que todos somos iguais, tanto os que enxergam como os que não enxergam.



Thainá de Lima Costa

Tenho 17 anos, estou cursando o 9º ano e amo ler contos de terror e lendas urbanas. Já sou escritora, tenho 68 livros prontos e o 69º está em construção. Não tenho nenhum livro publicado, mas publicá-los é o maior sonho de minha vida. Poucas pessoas conhecem esse sonho e os meus livros, porém acredito que um dia irei conseguir. Agradeço a toda equipe que lerá isto pela oportunidade da realização de um grande sonho não só meu, mas de muita gente.



Vítor Viana da Silva

Sou atleta do Instituto Benjamin Constant, faço natação há dois anos. Já participei de duas paralimpíadas escolares e competi em um campeonato regional. Conquistei, em dois anos, 16 medalhas. Moro em Niterói e gosto muito de uma brincadeira.



Vitória Amorim do Nascimento

Nasci no ano de 1997, no município de Itaguaí. Perdi meu pai com apenas 3 anos de idade. Fui criada por minha mãe, uma mulher guerreira. Passei por um trauma muito grande em minha vida: a perda da visão. Com isso, tornei-me aluna do Instituto Benjamin Constant em 2010. A partir desse ano, venho superando meus limites. Além de boa aluna, sou jogadora de goalball desde 2011. Cada dia que passa surpreendo a todos com minha vontade de vencer. Há dois anos, eu venho sendo convocada pela Seleção Brasileira. Em 2012, fui vice-campeã mundial nos EUA e gachei vários títulos individuais, como artilheira, melhor jogadora e jogadora revelação. Muitos já me chamam de “Pit bull”, por causa da força em cada arremesso que realizo em um jogo. Hoje sou apontada como a melhor do país. Vitória, vencedora da vida.



Vitória Valentina Tavares do Nascimento

Tenho 16 anos, sou do signo de leão e estou na 6º série do Ensino Fundamental. Valorosa, forte e com saúde, esse é o significado do meu nome.



Viviane Silva de Souza

Nasci em 24 de agosto de 1998, tenho 16 anos e moro em Santa Cruz. Estudo no Instituto Benjamin Constant e estou no 6º ano do Ensino Fundamental II. O que eu mais gosto de fazer é conversar com meus amigos. Também gosto de sair com minha família e de ficar o mais perto possível do meu namorado. Adoro comer strogonoff de frango com muita batata palha e arroz. Gosto mais ou menos de estudar.



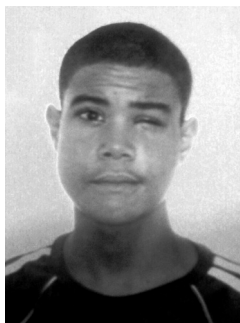
Waldir Domingues Lopes

Perdi a visão aos 50 anos, estou no Instituto Benjamin Constant desde 2004, onde faço teatro, cerâmica, dança e fui capa do calendário com meu trabalho do Braille ampliado, que está exposto na oficina de cerâmica. Sou compositor, poeta, faço parte do grupo de convivência e meu trabalho é incentivar outras pessoas com deficiência.



Yan Monteiro de Melo

Gosto de estudar História, especificamente a Segunda Guerra Mundial. Moro na Cruz Vermelha e minha cor preferida é verde. Participei por dois anos do grupo teatral “Corpo Tátil”, atuando na peça “O Auto da Compadecida”.



ORGANIZADORAS

Claudia Lucia Lessa Paschoal



Possui graduação em Pedagogia (Licenciatura Plena) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982), especializações em Deficiência Visual pelo Instituto Benjamin Constant (IBC), Psicomotricidade pelo Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação (IBMR), PROEJA pelo Instituto Federal do Pará (IFPA); Mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2010). É professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Ministério da Educação, atuando, ao longo de 32 anos, em Educação Especial, Educação Infantil e em Formação Docente, principalmente nas áreas de Linguagem, Cegueira e Baixa Visão, Ensino e Aprendizagem, Psicomotricidade, Educação Visual e Distúrbios da Aprendizagem. Foi Coordenadora de Educação Especial do Estado do Tocantins (1994 - 1998). No Instituto Federal do Tocantins, lecionou no Ensino Médio Integrado, nas Licenciaturas de Física e Matemática e coordenou o PROEJA. No Instituto Benjamin Constant, coordenou o Jardim de Infância, fez parte do grupo de

implantação do atendimento de Educação Visual para alunos com baixa visão e foi professora do curso de capacitação (1990 - 1994). Esteve à frente da Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação do Departamento Técnico-Especializado (jan/2012 - jul/2014). Atualmente, é professora de Letramento e Práticas Pedagógicas na Educação Infantil do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu (IBC-ISERJ), editora da revista Benjamin Constant e coordena o Grupo de Estudos “Subjetividade, Cegueira e Baixa Visão”. É doutoranda em Memória Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com pesquisa na linha de Memória e Linguagem com interface em cegueira e baixa visão.

Marcia de Oliveira Gomes



Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, lecionou por oito anos na rede estadual de ensino. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa no Instituto Benjamin Constant e desenvolve pesquisas na área de Ensino, Estilística, Produção

Textual, Cegueira e Baixa Visão. Em sua jornada literária, figuram a publicação de poemas, crônicas e contos em antologias e a conquista de prêmios, dentre os quais se destacam o 1º lugar no XXI Concurso de Poesia e Prosa da Academia de Letras de São João da Boa Vista, em 2013, e no Prêmio Literário Teixeira e Sousa, em 2011.

Paolla Cabral Silva Brasil



Licenciada em Língua Portuguesa (2007)/ Língua Espanhola (2008) e Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (2008) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Linguística Aplicada (2013) pela Universidade de Brasília. É professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico desde 2010, quando iniciou suas atividades no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Atualmente, leciona no Instituto Benjamin Constant. Tem experiência na área de Letras, atuando nos seguintes temas: Ensino e Aprendizagem de Línguas, Ensino de Línguas para Fins Específicos, Gêneros Textuais e Educação Especializada em Cegueira e Baixa Visão.

